
Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 5: almofarizes de produção bética, pesos e cossoiros

EURICO DE SEPÚLVEDA¹
PATRÍCIA A. SANTOS²
JOÃO CARLOS FARIA[†]
MARISOL FERREIRA³

R E S U M O

Os autores terminam com este texto uma série de artigos referentes ao estudo do espólio obtido aquando das intervenções do IPPAR ao longo do ano de 1996, na encosta ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (primeira fase). São apresentados almofarizes de produção bética, mais precisamente, da área de Cádiz, que indiciam hábitos romanizados de preparação de alimentos, cuja existência permite concluir a existência de um forte comércio marítimo ao longo da rota atlântica. Paralelamente, mostra-se um conjunto de pesos de tear e de dois cossoiros de passível ligação às produções das olarias situadas ao longo do rio Sado que servindo de indicadores económicos-quantitativos, provam da existência de uma produção focada para a exportação de tecidos e lãs, tão apreciados em todo o mundo romanizado, pelo menos desde tempos da República até à época alto-imperial. A presença de apenas um peso de rede oferece a oportunidade para se confirmar uma vocação piscatória tradicional de populações ribeirinhas.

A B S T R A C T

This paper concerns the very last study of a project related with the archaeological finds excavated in the western slope of the hill where the Alcácer do Sal castle stands (LOCAS). A set of *mortaria* produced in Baetica, weaving weights and a fishing-net weight were presented. The authors having in mind a second series of these studies wish, willingly, to confirm the commercial importance of this city as a privileged export market for its fine cloths “industry” during classic times.

Introdução

Com este artigo terminaremos a primeira série de investigações referentes ao estudo dos materiais exumados no lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (LOCAS), aquando da construção da barreira de protecção da rua que dá acesso à pousada.

Ao longo deste percurso contámos, constantemente, com a presença preciosa do nosso estimado e voluntarioso amigo, colega e companheiro Dr. João Carlos Faria, o nosso João Carlos, que, infelizmente, nos deixou sós, abruptamente, no princípio do Verão de 2006.

É com a sua recordação, com a sua imagem e com a sua “ajuda” (sempre presente) que levaremos a bom termo este projecto que terá subsequentemente, como era seu desejo, uma segunda fase, relacionada com as obras efectuadas, no mesmo local, com acompanhamento de uma equipa do IPPAR.

Assim ficará concluído, como acima dissemos, o estudo, a que esta equipa se dedicou, focando as intervenções efectivadas na vertente ocidental da colina do morro onde está localizado o castelo. Os materiais a que nos referimos ao longo destes anos dizem respeito apenas à cerâmica romana tendo sido excluídos, por opção, os contentores cerâmicos do tipo *dolium* e a chamada cerâmica comum.

Análise do espólio

No presente trabalho será analisado um espólio final, o qual consiste numa colecção de almofarizes, constituída por um número total de 33 fragmentos com um MNI de 23 unidades, outra de pesos de tear, em que o MNI é de 14, com 8 inteiros, dois cossoiros e um peso de rede.

Almofarizes (mortaria)

O almofariz romano não era, de certo, um utensílio muito diferente do que, até há pouco tempo, podíamos observar em feiras e romarias do nosso Portugal⁴.

A forma desta peça do equipamento da cozinha romana, e não só, é extremamente fácil de ser identificada nos espólios de arqueossítios com diacronias romanas pois trata-se de “*um recipiente aberto, com o bordo marcado, e que pode ter um vertedor, paredes evasadas que podem ter estrias internas*” (Pinto, 2003, p. 83).

Embora sejam imediatamente identificáveis existe uma impossibilidade de os encontrar inteiros, na medida em que são utensílios que, pelo facto de apresentarem dimensões médias/grandes, na maioria dos casos, os tornam mais vulneráveis facilitando a sua fractura em vários fragmentos. Este facto é gritante no espólio da vertente da colina do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, pois que de um total de 23 MNI, não possuímos um único exemplar inteiro.

A sua função era, fundamentalmente, o de permitir moer pequenas quantidades de produtos ou efectuar misturas entre ingredientes.

O *mortarium* era essencialmente utilizado na cozinha, embora existissem outras funções como as ligadas à obtenção de produtos medicinais ou de beleza (como por exemplo, a preparação de cremes e pinturas com fins de aplicação cosmética), ou à maceração de vísceras de peixes destinada à preparação de molhos do tipo *garum* ou de *liquamen*, como pode ser atestado pela quantidade abundante de fragmentos de almofarizes na zona de produção de preparados piscícolas e salga de peixe do complexo industrial romano situado na península da Tróia (Setúbal).

Testemunhos da sua utilização na preparação de pratos da gastronomia romana são-nos transmitidos por *Marcus G. Apicius*, reputado cozinheiro e gastrónomo, no seu livro escrito, durante o principado de Tibério, o famoso *De Re Coquinaria*.

Constituído por 10 capítulos apresenta-nos, em nada menos do que 5, referências directas a *mortario*, como um dos equipamentos de cozinha destinado à elaboração das suas receitas. Este utensílio torna-se, portanto, fundamental na confecção de pratos, tais como, na preparação das almôndegas e no fabrico dos chouriços (*Liber II*), nas entradas de cabaças, no puré de folhas de alface com cebolas e em coberturas variadas (*Liber IV*). Uma atenção especial é-lhe dada para a obtenção dos molhos para flamingos (*Liber VI*) na preparação da carne de cabrito e da de cordeiro cozida (*Liber VIII*), ou no molho para peixe cozido (*Liber X*).

Nestas referências, *Apicius* indica o tipo de condimentos que deveriam ser macerados nos almofarizes. A maior parte deles pertencem aos grupos das ervas aromáticas e das especiarias, das quais destacamos, pela sua importância, a pimenta, a pimenta em grão, o aipo, a alfena, a arruda, a cebola, a cebola seca, os coentros, os cominhos, a hortelã e o *laserpicium* — planta de tal forma apreciada que se extingue nos meados do século I d.C. (Ibáñez Artica, 1995, p. 46), devido à procura desenfreada durante o século anterior —, sem esquecer os próprios legumes e pinhões.

Para além destas referências explícitas em relação aos *mortaria*, todo o seu tratado de culinária apresenta, bastas vezes, os verbos latinos *terere* (moer) e *triturare* (triturar) o que nos indicia ter sido indispensável a existência destas “grandes tigelas” no equipamento de toda e qualquer cozinha de uma casa romana.

Sabemos que nem todos os *mortaria* eram feitos do mesmo tipo de material. Assim, a sua nomenclatura variava de acordo com a matéria-prima utilizada. Esta peculiaridade permite-nos definir os seguintes tipos de almofarizes:

- *mortaria* de pedra variada, dos quais se destacavam pela a sua aparência mais apelativa, quiçá mais rica, os de mármore — *mortaria marmorea*;
- almofarizes mais comuns elaborados em cerâmica e que pertenciam ao grupo dos produtos finais das olarias que se dedicavam à produção de cerâmica comum, os chamados *mortaria fictilia*;
- finalmente, podemos avaliar por descrições dos autores clássicos, como seja o caso de Plínio, da existência de alguns destes utensílios de cozinha e de cosmética serem feitos de metal, distinguindo os *mortaria aerea*, em cobre, dos *mortaria plumbea*, em chumbo, tendo, portanto, como factor definidor, a natureza do metal utilizado.

Pesos de tear (pondera) e cossoiros

Do nosso espólio destacaremos, pela sua importância numérica, o conjunto referente aos pesos de tear.

Sabemos, a partir dos textos de autores clássicos como Ptolemeu, Estrabão, Plínio o Velho, Mela e Marciano de Heracleia, da importância de *Salacia*, à qual tinha sido atribuído o cognome de *Urbs Imperatoria*, e do valor em que se tinha a produção das suas famosas lãs.

Um dos exemplos desses textos clássicos é tirado da *Geografia* de Estrabão, traduzida por Schulten, em que se afirma que em Alcácer do Sal “*Hay abundancia también de tejidos finos que fabrican los habitantes de *Salacia*” (Schulten, 1952, p. 97).

Outro dos exemplos que podemos apresentar é o do elogio que Plínio faz, na sua *História Natural* (8, 191), dos tecidos de lã fina de *Salacia* que apresentariam padrões do tipo escocês⁵, os quais poderiam ser comparados, apenas, com iguais tecidos da Gália (Guerra, 1995, p. 121).

Atendendo à importância das lãs de *Salacia* mencionada por Plínio e por Estrabão, Jorge Alarcão (1988, p. 147) afirma que “a fabricação de tecidos tenha assumido níveis de grande indústria exportadora”.

Os pesos de tear tornam-se, assim, uma prova arqueológica dessa actividade, em época romana, na medida em que eram utilizados como instrumentos no processo de tecelagem, tal como os cossoiros, que não passam de instrumentos de pequenas dimensões, utilizados desde (pelo menos) a Idade do Ferro, na preparação da lã, matéria-prima indispensável a esta função económica.

A confecção artesanal de tecidos de lã e linho era, pois, uma actividade que implicava, necessariamente, a utilização destes instrumentos, aos quais não podemos deixar de acrescentar o caso dos fusos e das agulhas.

Todos estes utensílios adquiriram, portanto, formas e tamanhos adequados à sua função, mas também ao tipo de fio ou matéria-prima utilizada.

A frequência com que aparecem estes pesos de tear será, pois, uma prova do uso do tear vertical, o qual é resultado de um progresso da prática da tecelagem. Esta manufactura de tecidos em tear está ligada à fiação com roca e fuso, actividade ancestral desempenhada pelas mulheres. É o próprio Plínio que nos relata (8, 194) a tradição que já vinha do tempo da monarquia e que implicava que, ainda no seu tempo⁶, “*les jeunes filles qui se marient ont avec elles une quenouille garnie et un fuseau chargé*.” (Zehnacker, 1999, p. 120-121).

Juntamente com estes textos clássicos, os materiais arqueológicos, normalmente encontrados em arqueossítios de ocupação romana, demonstram a utilização destes em ambiente doméstico, os quais teriam, como finalidade, a produção da lã com objectivos destinados ao seu auto abastecimento.

A tecelagem assume-se, portanto, como uma actividade de grande valor económico motivo porque, na maior parte das *villae*, é frequente encontrar-se grande profusão deste tipo de artefactos nestes espaços habitacionais tão característicos em que se assiste a uma simbiose perfeita entre a agricultura e a exploração de produtos derivados da pastorícia (Silva e Oliveira, 1999)⁷.

Face a esta tarefa⁸, que localizamos quer nas cidades quer nas *villae*, estaria, necessariamente, ligada de forma bem implícita a criação de ovelhas (*ovis aries*), animais de extrema importância económica, tanto a nível da carne que forneciam, como aos lacticínios, ao couro, assim como para a obtenção da matéria-prima indispensável à actividade que estamos a analisar. Esta encontra-se bem atestada nas terras de Alcácer do Sal (Faria, 2002, p. 130), onde a produção de lã constituiu, decerto, um factor de prosperidade económica, referida nos textos dos autores clássicos, como indicámos anteriormente.

Apresentaremos, a mero título de exemplo, o caso de outra cidade da Lusitânia, Conímbriga, onde esta actividade têxtil artesanal se encontra bem representada, através de variados instrumentos. Entre estes artefactos exumados neste arqueossítio de ocupação romana, destacaremos, para além dos pesos de tear, os cossoiros e as agulhas de osso.

Os cossoiros que fazem parte do seu espólio foram produzidos numa panóplia de matérias-primas, em que se destacam, pela sua maior frequência, os de cerâmica, logo seguidos pelos de osso e pelos de metal, sendo utilizado, neste caso, o chumbo.

Pesos de rede

A localização geográfica de Alcácer do Sal, junto ao Rio Sado, tinha proporcionado, já desde antes da chegada dos romanos, o desenvolvimento, na região, de actividades económicas piscícolas.

Na época romana, a importância da pesca encontra-se testemunhada, não só pelos instrumentos encontrados em espólios de arqueossítios, que revelam terem tido uma actividade económica deste tipo, como também pela representação artística da mesma, seja em moedas ou em mosaicos.

À actividade da pesca estariam ligados uma série de utensílios próprios, de entre os quais se destacam os que complementariam o uso das redes de pesca, como é o caso das agulhas e lançadeiras, “navettes”, para as coser e reparar e ainda pesos e anzóis.

Em Tróia de Setúbal, dado as suas actividades se ligarem directamente à salga, preparação de molhos e a sua posterior comercialização por todo o Império, a presença destes utensílios encontra-se bem presente, testemunhando uma intensa actividade da pesca, dos quais destacamos, entre a grande panóplia de artefactos exumados durante as escavações até ao presente efectuadas, anzóis de bronze e de ferro, agulhas para fazer rede e diversos tipos de pesos em cerâmica, de formas discóides e oblongas (?), e em xisto.

Em Alcácer do Sal, para além deste peso, existem mais testemunhos da actividade piscatória em época romana, exibindo o Museu de Pedro Nunes uma colecção de mais pesos, anzóis e agulhas de fazer e remendar rede.

Por sua vez, nas escavações de Conímbriga, foram exumados alguns testemunhos da pesca, como são o caso de anzóis em cobre e em ferro, os quais foram utilizados para a pesca com linha que se praticava, certamente, no Rio dos Mouros, o qual, ainda hoje em dia oferece uma variedade de peixes, que, para os arqueólogos que efectuaram o estudo posterior dos materiais encontrados, deve ser muito idêntica à que se pescaria em época romana.

Análise de pastas

Almofarizes

Para o estudo das pastas dos almofarizes, optámos por recorrer a quatro trabalhos dedicados a este tipo de cerâmica, tendo sempre presente o trabalho pioneiro sobre a cerâmica comum da cidade romana de Conímbriga de Jorge de Alarcão (1974, 1975).

Começaremos pela monografia de Inês Vaz Pinto⁹, que esta autora publicou em 2003 e onde definiu uma caracterização das pastas dos almofarizes encontrados aquando das escavações efectuadas nas *villae* romanas de São Cucufate (Vila de Frades).

No que concerne ao aspecto petrográfico foram definidos 12 fabricos dos quais iremos utilizar¹⁰, como termo comparativo, apenas, os 9 e 10, que são referentes às chamadas pastas béticas e que se encontram de forma bem caracterizada no último trabalho da autora (Pinto, 2006, p. 168).

Escolhemos em seguida o trabalho de Rui Morais acerca da cidade de *Bracara Augusta*. Esta opção teve como razões o facto de ser a importância administrativa e a localização geográfica da cidade de Braga, condições estas que nos parecem ser semelhantes às da cidade de *Salacia*, em época tardo-republicana/alto-imperial. Deste modo, pensámos poder tirar ilações comparativas, no que diz respeito às rotas atlânticas de abastecimento destes dois núcleos populacionais.

No que concerne às pastas analisadas para estes utensílios de cozinha, de cosmética e de farmacopeia, o autor remete para a caracterização das pastas feita no seu estudo sobre as ânforas da zona das Carvalheiras, em Braga (Morais, 1998, p. 37-38), as quais lhe serviram, também, como elemento comparativo.

As publicações de José Carlos Quaresma sobre Povos e Chãos Salgados (*Mirobriga*) foram também levadas em linha de conta, na medida em que se revelaram importantes sobre o ponto de vista das análises do tipo dos componentes das pastas que foram efectuados aos exemplares exumados nestas estações.

Alguns dos almofarizes apresentados são identificados como sendo provenientes da província romana da Bética, o que nos pareceu ideal como termo de comparação. No entanto, quando elaborámos o Quadro 1, preferimos utilizar o último trabalho do autor (Quaresma, 2006), na medida em que lá é dada ênfase à divisão efectuada entre pastas oriundas das olarias gaditanas e das suas congéneres situadas na área do vale do Guadalquivir, produções estas que se desenvolveram após um período de importação de almofarizes itálicos.

Para as pastas dos almofarizes da Alcáçova de Santarém, Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas em 2004 seguem o mesmo critério de Quaresma, ao apresentarem os produtos béticos divididos por dois grupos que designaram por 1 e 2. O primeiro, no qual foi identificada uma variante, caracteriza-se por apresentar uma composição idêntica à das pastas dos centros oleiros de Cádiz¹¹ enquanto o segundo se define como sendo uma pasta do tipo arenoso, muito dura de cor castanha ou cinzenta clara, atributos que são próprios das produções do vale do Guadalquivir.

O objectivo que tínhamos de confirmar a origem do nosso espólio levou-nos a efectuar uma análise de tipo binocular das pastas dos almofarizes, utilizando critérios que levaram em linha de conta, a cor, a textura, os elementos não plásticos (e.n.p.) — verificando-se a sua frequência e composição geológica —, a fractura e tipo de cozedura.

Desta forma, apurámos dois grupos que se definem pelas seguintes características:

Grupo I - pasta de cor beije/amarelada 5Y 8/2; homogénea, compacta, com abundantes e.n.p. de grão fino a médio (elementos ferrosos, micas, quartzo, quartzito); fractura irregular que apresenta vacúolos (bolhas de ar e fendas) com cozedura efectuada em ambiente oxidante;

Grupo II - pasta de coloração rosada 7.5Y 7/3; homogénea, branda, com escassos e.n.p. de grão fino (elementos ferrosos: hematites; micas, quartzo), com fractura irregular e pequenos vacúolos e também com cozedura oxidante.

Verificámos, então, que quase todos os almofarizes descobertos na intervenção de Alcácer do Sal tinham sido produzidos com pastas que pertenciam ao Grupo I excluindo-se, no entanto, o almofariz com o número de inventário 208/96 que, pelas suas características diferentes, nos levou a ter de criar um Grupo II, o qual possivelmente, não será mais do que uma variante do primeiro.

O Grupo I, pelas peculiaridades apresentadas, indica-nos uma produção de origem bética, mais precisamente das olarias gaditanas, motivo que nos levou a criar o Quadro 1, em que comparámos a pasta deste grupo com as apresentadas para São Cucufate, *Bracara Augusta*, Povos, Chãos Salgados e Alcáçova de Santarém, arqueossítios, que, como já vimos, possuem nos seus espólios, para além de outros espécimens de origem itálica, gaulesa e da Tarraconense, almofarizes provenientes, precisamente, de olarias situadas na mesma zona da Bética.

Quadro 1. Comparação das pastas béticas de almofarizes exumadas em S. Cucufate, Bracara, Povos, Chãos Salgados, Alcáçova de Santarém e Alcácer do Sal

<i>Estações/Grupos de pasta</i>	<i>Argilas</i>	<i>Cor da Pasta</i>	<i>Textura</i>	<i>Concentração e.n.p.</i>	<i>Composição e.n.p.</i>
S. Cucufate 9	Calcária	Amarelo pálido	Pouco dura, porosa	Escassa	Quartzito, feldspato, plagioclases, anfíbolitos
S. Cucufate 10	Calcária	Amarelo pálido	Pouco dura, muito porosa	Rara	Quartzito, elementos ferruginosos, micas
Povos (5) ^a	Calcária	Castanho, vermelho claro	Compacta homogénea	Rara	Feldspato, micas
Chãos Salgados (25) ^a	Calcária	Branca	Dura, porosa	Abundante	Quartzito, micas
Chãos Salgados (26) ^a	Calcária	Branca	Dura, porosa	Abundante	Quartzito, feldspato, micas
Braga B6	Calcária	Beije e rosada	Pouco dura	Abundante	Quartzito, hematite calcários
Braga B7	Calcária	Beije/rosado Verm. rosado	Branda	Abundante	Hematites, micas, calcários
Braga B8	Calcária	Beije	Dura	Abundante	Quartzito, hematites, partículas acastanhadas
Braga B10	Calcária	Beije amarelada	Pouco dura	Abundante	Quartzito, micas, hematites raras
Santarém 1	Calcária	Beije, esbranquiçado tons rosados	Arenosa/Compacta	?	?
Alcácer do Sal Grupo I	Calcária	Beije amarelada	Compacta, homogénea	Abundante	Quartzito, quartzito, micas, hematites

Todos os fragmentos, do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal inserem-se no Grupo I, com excepção do fragmento com o N.º de Inv. 208, que pertence ao Grupo II.

(a) Quaresma, 2006, p. 159, 161 (produções consideradas pelo autor como béticas)

Pesos de tear

No que diz respeito, por sua vez, às pastas com que foram efectuados os pesos de tear exumados no lado ocidental da colina onde se encontra localizado o castelo de Alcácer do Sal, o tipo de análise que efectuámos seguiu o mesmo processo analítico que utilizámos para as pastas dos almofarizes.

Observámos três grupos distintos de pastas, dos quais pensamos ser o Grupo A não caracterizador, pois deve provir de um processo de cozedura/arrefecimento algo complicado (caso do peso de tear com o n.º 197/96). Os outros dois grupos são constituídos, respectivamente, por 8 unidades para o B e os restantes 5 para o Grupo C.

Estas pastas foram, mais uma vez, definidas, como afirmámos no parágrafo anterior, através da cor, textura, elementos não plásticos, fractura e tipo de cozedura:

Grupo A - pasta de coloração esverdeada 5YR 8/2; não calcária; branda; e.n.p. de grão fino (elementos ferrosos: hematites, quartzito, quartzito); fractura irregular; apresentando vacúolos (bolhas de ar e fendas). Cozedura em ambiente oxidante;

Grupo B - pasta de coloração laranja-avermelhada variando desde 2.5YR 6/4 a 5YR 6/8; não calcária; compacta, dura, grosseira; e.n.p. de grão fino a médio (elementos ferrosos: hematites, micas, quartzito, quartzito, feldspato); fractura irregular; apresentando vacúolos (bolhas de ar e fendas). Cozedura em ambiente oxidante;

Grupo C - pasta de coloração castanho-acizentada que varia entre 5YR 5/1, 6/4 e 10YR 6/3; não calcária; pouco compacta; com e.n.p. de grão fino a médio (elementos ferrosos: hematites, micas, quartzito, quartzito, feldspato); fractura irregular; apresentando vacúolos (bolhas de ar e fendas). Cozedura em ambiente oxidante;

tes, quartzo, quartzito, quartzo leitoso); fractura irregular; apresentando vacúolos (bolhas de ar). Cozedura em ambiente redutor.

Considerámos como sendo a hipótese mais lógica o de atribuir uma origem da manufactura destes pesos aos fornos de cerâmica romana, coevos, que se localizavam, de uma forma geograficamente massiva, ao longo das margens do Sado e bem próximos de *Salacia*.

Para verificar tal hipótese, recorremos ao estudo efectuado por Françoise Mayet, Carlos Tavares da Silva e Anne Schmitt a propósito das ânforas do Sado, em 1996, trabalho esse que nos permitiu fazer uma adaptação do quadro que aqueles investigadores apresentam a páginas 148, para, a partir, dele ser-nos possível fazer a comparação das pastas definidas para o nosso espólio com aquelas que são apresentadas como características de alguns dos fornos analisados pelos referidos autores.

Embora sabendo que os resultados daí obtidos não nos dariam certezas absolutas sobre a filiação dos pesos de tear exumados em Alcácer do Sal, nos ateliers analisados, no entanto, e a partir das comparações que efectuámos, não podemos deixar de concluir que nos parece lícito que “os fornos sadinos tiveram outros fabricos importantes, como o são a cerâmica de construção, os vasos de mesa, de cozinha e os utilizados na indústria conserveira, os pesos de rede, ou, ainda, os de tear das célebres lãs de *Salacia*” (Faria, 2002, p. 70)¹².

Quadro 2. Comparação das pastas de várias olarias do Sado com as apresentadas para Alcácer do Sal (Grupos B e C)					
Estações	Argilas	Cor da Pasta	Textura	Concentração e.n.p.	Composição e.n.p.
Abul	N/ calcária	Alaranjada	Friável	Muito abundante	Quartzo, feldspato, micas raras, rocha granítica
Barrosinha	N/ calcária	Alaranjada	Compacta a homogénea	Abundante	Quartzo, feldspato, micas, plagioclase, rocha granítica
Bugio	N/ calcária	Alaranjada	Homogénea	Abundante	Quartzo, feldspato, micas
Pinheiro	N/ calcária	Vermelho	Homogénea	Abundante	Quartzo, feldspato, micas raras alaranjada, rocha granítica
Alcácer do Sal	N/ calcária (Grupo B)	Laranja/ avermelhada	Compacta a homogénea	Abundante	Quartzo, feldspato, micas, elementos ferrosos
Alcácer do Sal	N/ calcária (Grupo C)	Castanho acinzentado	Compacta	Abundante	Quartzo, feldspato, micas, elementos ferrosos

(Adaptação feita a partir do quadro «Tableau récapitulatif des caractéristiques des ateliers de la vallée du Sado», Mayet, Tavares da Silva, Schmitt, 1996)

Pensamos ser possível arriscar o caso de uma “filiação” na olaria do Pinheiro, visto que da análise comparativa levada a cabo aos dados apresentados no Quadro 2, e tomando em linha de conta o tipo de cozedura e a constituição dos elementos minerais não plásticos, nos parece existir uma semelhança real. Claro que estas considerações dizem respeito ao Grupo B, que é aquele que representa cerca de 65% do total da colecção.

Cossoiros¹³

No respeitante aos dois cossoiros existentes no presente espólio, verificámos ter sido, o primeiro (n.º 189/96), produzido numa pasta homogénea com e. n. p. de grão fino, em que se distinguem elementos ferrosos e micas, de cor 10YR 5/3, a qual foi cozida em atmosfera oxidante. O segundo cossoiro (n.º 190/96), distingue-se, para além da forma, do descrito anteriormente,

pela composição da pasta que, embora seja constituída pelos elementos não plásticos indicados, contém ainda quartzo e quartzitos.

Pesos de rede

O único exemplar de peso de rede encontrado, até ao momento, durante a intervenção arqueológica (n.º 192/96), foi efectuado, no que respeita à pasta, numa argila grosseira de cor alaranjada, 5YR 6/8, homogénea, com muitos elementos não plásticos de grão fino a médio, em que se observam elementos ferrosos, micas, quartzo e quartzito. Trata-se de uma pasta que apresenta vacúolos e que tem uma fractura irregular.

Este peso parece pertencer aos produtos finais das olarias sadinas, ou muito remotamente, às do Rio Tejo.

Análise crono-morfológica da colecção

Almofarizes

Segue-se a descrição da morfologia dos almofarizes, assim como a sua atribuição aos grupos das pastas cerâmicas por nós já definidos e das diacronias que apurámos por comparação com contextos selados e com outros sítios arqueológicos, em que estes utensílios de cozinha foram exumados.

Os almofarizes estudados encontram-se incompletos ou fragmentados, tendo sido possível determinar, no entanto, o diâmetro de 14. À excepção de um almofariz de menores dimensões, 204 mm de diâmetro e de pasta diferenciada, n.º 208/96, todos os outros pertencem a um conjunto que considerámos como de tamanho médio a grande, conjunto esse que tem como características diâmetros que variam entre 260 e 386 mm, e paredes relativamente espessas e normalmente estriadas¹⁴.

Os agrupamentos que apresentamos não são mais do que o resultado da simbiose entre as várias tipologias que foram definidas, quer por Inês Vaz Pinto, José Carlos Quaresma, Rui Morais ou Ana Margarida Arruda e Catarina Viegas.

Para São Cucufate, Inês Vaz Pinto apresenta cinco grupos de almofarizes, os quais têm com elemento diferenciador, fundamentalmente, a morfologia do bordo¹⁵, que por sua vez, são divididos em vários subgrupos, em que são privilegiados como elementos definidores a inclinação das paredes e o bico vertedor.

Cronologicamente, os grupos apresentados possuem uma vida longa, encontrando-se presentes em todos os seis horizontes da ocupação das *villae*, com excepção para o horizonte 5, que corresponde ao intervalo diacrónico que medeia entre a “segunda metade do século IV até meados do século V” (Pinto, 2003, p. 145).

Por sua vez, Rui Morais, no que diz respeito aos *mortaria* de origem bética de Braga, tem uma posição que difere um pouco da de Vaz Pinto, pois o critério morfológico tem, para ele, como factores definidores: o bordo para o Grupo I; a parte superior da parede que é moldurada para o Grupo II; e, para o Grupo III o qual é constituído por poucos exemplares a “forma do lábio, simplesmente engrossado” (Morais, 2005, p. 146).

O grupo II foi, por sua turno, dividido nos subgrupos A, B, C e D, tendo, também como critério definidor, as variações no perfil do bordo.

Todos os almofarizes estudados provêm das escavações efectuadas na cidade, em estratos de diacronias anteriores aos Flávios, motivo que levou Rui Morais a atribuir-lhes uma cronologia compreendida entre 10 a.C. e 70 d.C.

José Carlos Quaresma, em 1995-1997 e em 2006, estabelece uma divisão morfológica em que os grupos de almofarizes estudados, quer os de Povos (Vila Franca de Xira), quer os de Chãos Salgados (*Mirobriga*, Santiago do Cacém), quer de outras estações arqueológicas de ocupação romana, definem uma tipologia constituída por cinco tipos principais: 1-Emporiae 36,2; 2-Dramont D2; 3-Almofarizes de lábio reentrante; 4-Almofarizes de bordo em martelo; 5-Almofarizes de bordo arredondado.

Os tipos 3, 4 e 5 são subdivididos, sendo os critérios utilizados os seguintes: para o tipo 3, com três fases, considera-se como elemento diferenciador o perfil do lábio; para o tipo 4, com duas fases, baseia-se esta subdivisão no perfil muito peculiar do bordo; e, finalmente, para o tipo 5, também com duas fases, a diferenciação assenta na existência de uma moldura na parte superior da parede externa.

Por fim, a tipologia da Alcáçova de Santarém, tendo como alvo preferencial o estudo dos almofarizes de origem bética, é constituída por 5 grupos (Arruda e Viegas, 2004, p. 243, Tableau 1) em que as autoras parecem, de novo, tomarem o perfil do bordo como característica diferenciadora para a elaboração da sua classificação.

Com base nestes estudos, procurámos obter paralelos para a colecção de Alcácer do Sal, o que nos levou a elaborar uma série de quadros em que se relacionou todos os tipos de almofarizes que tínhamos com os encontrados em outros arqueossítios romanos e que eram produtos com origem também no Sul da Bética, e que pensamos tornar a leitura mais simplificada.

1. Forma evolucionada de almofarizes de bordo tipo *Emporiae*, 36,2

(Bibliografia utilizada: Arruda, 2004, Santarém; Morais, 2005, Braga; Alarcão, 1976, Conímbriga; Mayet, 2002, Abul)

1a. Bordo oblíquo.

Pertence a este grupo um conjunto com 3 unidades, os quais, atendendo à sua morfologia, se poderão incluir nos *mortaria* do tipo *Emporiae* e que são originários da Campânia.

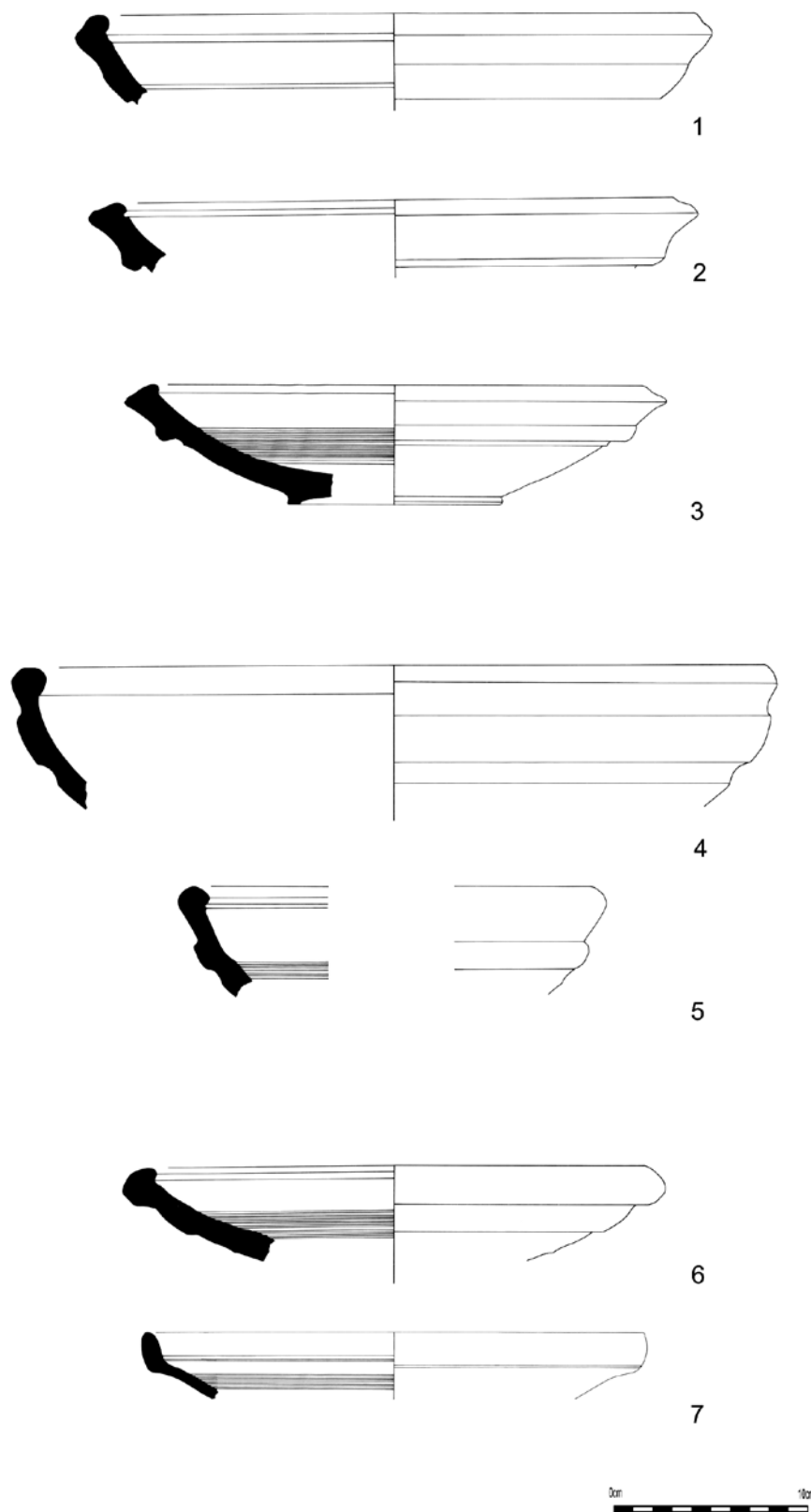
Embora se caracterize por os seus elementos possuírem um bordo cujo perfil é oblíquo, plano ou formando uma pequena depressão a meio e ligeiramente biselado, contrariamente ao seu protótipo campano que é normalmente vertical, pensamos estar perante uma variante fabricada pelas olarias da região de Cádiz.

A existência de uma moldura na parede externa¹⁶ parece-nos ser mais uma característica típica das produções do Sul da Bética.

Fizemo-los corresponder à forma 2 de Santarém, não sendo possível enquadrá-los na tipologia de Rui Morais, talvez por terem cronologias mais antigas, tardo-republicanas ou, ainda, por não terem sido detectados sítios arqueológicos, na cidade de Braga, com estratos passíveis de corresponder a estas datas.

Quadro 3. Paralelos de almofarizes para Alcácer do Sal

N.º de Inv. LOCAS	Santarém 2 (fig. 4)	Abul (fig. 12)	Conímbriga (p. 136)
181/96	N.º 6	N.º 117?	N.º 1 ?
186/96	N.º 6	N.º 117?	N.º 1 ?
187/96	N.º 7	S/paral	S/paral



Est. 1 Almofarizes 1, 2, e 3 forma Emporiae, 36,2 variante de bordo oblíquo; 4 e 5 variante de bordo redondo; Almofarizes 6 e 7 de bordo com lábio reentrante.

Tratando-se de almofarizes que correspondem a um espectro cronológico de meados do século I a.C., finais da República, não é, pois, de estranhar a sua presença numa cidade como *Salacia*, que conheceu um dos momentos de maior apogeu económico durante essa época.

Partindo do pressuposto cronológico, procurámos encontrar paralelos em arqueossítios que possuísssem requisitos idênticos quer económicos quer temporais.

Foi apenas nas cidades de *Scallabis* e de *Conimbriga* que encontrámos paralelos, alguns deles aproximados, para as nossas peças, como se pode inferir do nosso Quadro 3.

Em Santarém, a cronologia de fins da República é-nos dada por um exemplar que foi encontrado em estratos que foram datados pelo material anfórico e pela cerâmica campaniense, enquanto que, no que diz respeito a Conímbriga, o tipo de recolha efectuada não permitiu a determinação precisa de datação. Pensamos que os exemplares exumados no sítio de Abul, na fase correspondente ao período de elaboração datável de Augusto a Tibério e de cópia da produção bética, poderão servir de paralelos para os nossos.

Para *Olisipo*, embora não conheçamos nenhuma publicação sobre almofarizes, podemos adiantar a existência, na Casa dos Bicos¹⁷, de três exemplares que se inserem nesta tipologia.

Catálogo								
N.º de Inv. LOCAS	Tipo	Pasta (cor)		Grupo de pastas	Dimensões (em mm)			Observações
		Externa	Cerne		Diâmetro	Altura	Esp.	
181/96	Bordo	2.SYR 7/3	7.SYR 7/4	I	322	45	12	Fragmento
186/96	Bordo	5Y 8/2	–	I	318	35	11	Fragmento
187/96	Perfil completo	2.SYR 8/3	2.SYR 7/3	I	282	62	11	Quatro fragmentos colados

1b. Bordo redondo

Estes almofarizes distinguem-se dos anteriores por possuírem um bordo de perfil arredondado e não direito, e por apresentarem uma parede que, embora seja decorada com uma moldura, ostenta uma tendência para a verticalidade, motivo que nos levou a criar esta subdivisão.

Correspondem, como o grupo anterior, à forma 2 de Santarém e parece-nos ser possível enquadrá-los na tipologia de Rui Morais, no Grupo II, n.º 14, para Braga.

Quadro 4. Paralelos de almofarizes para Alcácer do Sal			
N.º de Inv. LOCAS	Santarém 2 (fig. 4)	Braga IIB (p. 181)	São Cucufate ¹⁸ (IV-E-1 fig. 186)
179/96	N.º 3	N.º 14	81.1596-2D
183/96	N.º 3	N.º 14	81.1596-2D

A cronologia que apontámos para o grupo anterior deverá poder-se aplicar também neste caso, a não ser que a evolução do perfil do bordo e da inclinação da parede demonstre uma variação no tempo, que, até ao momento, não foi confirmada. No entanto, se o paralelo que apontámos referente a Braga se considerar lícito, irá permitir alongar a produção/consumo deste tipo de almofariz, para um período limitado pela dinastia flávia.

Catálogo								
N.º de Inv. LOCAS	Tipo	Pasta (cor)		Grupo de pastas	Dimensões (em mm)			Observações
		Externa	Cerne		Diâmetro	Altura	Esp.	
179/96	Bordo	5Y 8/2	–	I	386	73	12	Fragmento
183/96	Bordo	5Y 8/2	–	I	Ind.	56	12	Pequeno fragmento

2. Almofarizes de bordo com lábio reentrante

(Bibliografia utilizada: Arruda, 2004, Santarém; Morais, 2005, Braga; Mayet, 2002, Abul; Alarcão, 1976, Conímbriga; Quaresma, 2006, Miróbriga; Vaz Pinto, 2003, São Cucufate)

Estes almofarizes caracterizam-se por possuírem um bordo que se apresenta com um lábio revirado para o interior de forma acentuada, evitando assim “*le contenu du mortier de déborder*” (Arruda, Viegas, 2004, p. 345), enquanto que, a parede externa, junto ao bordo, poderá estar decorada, ou não, por uma moldura.

Estas características morfológicas são típicas da forma 3 de Santarém. Encontramo-los, também, fazendo parte integrante do grupo II A de Morais, para Braga, ao passo que Quaresma considera-os como constituintes do tipo 3, para o qual define três fases crono-morfológicas (fase 1, subdividida em 1a e 1b, fase 2 e fase 3).

O nosso único exemplar que possui moldura externa é o almofariz n.º 184/96, característica que nos permitiu encontrar para ele paralelos, quer nas tipologias de Santarém, quer de Braga ou na de Quaresma, atribuindo-lhe cronologias que vão desde finais do século I a.C. (Santarém) até ao período pré-flaviano (Braga), podendo esta diacronia ser confirmada pelo paralelo de Abul, o qual foi encontrado na ocupação augusto-tiberiana desta olaria.

Quadro 5. Paralelos de almofarizes de produção bética do tipo de lábio reentrante

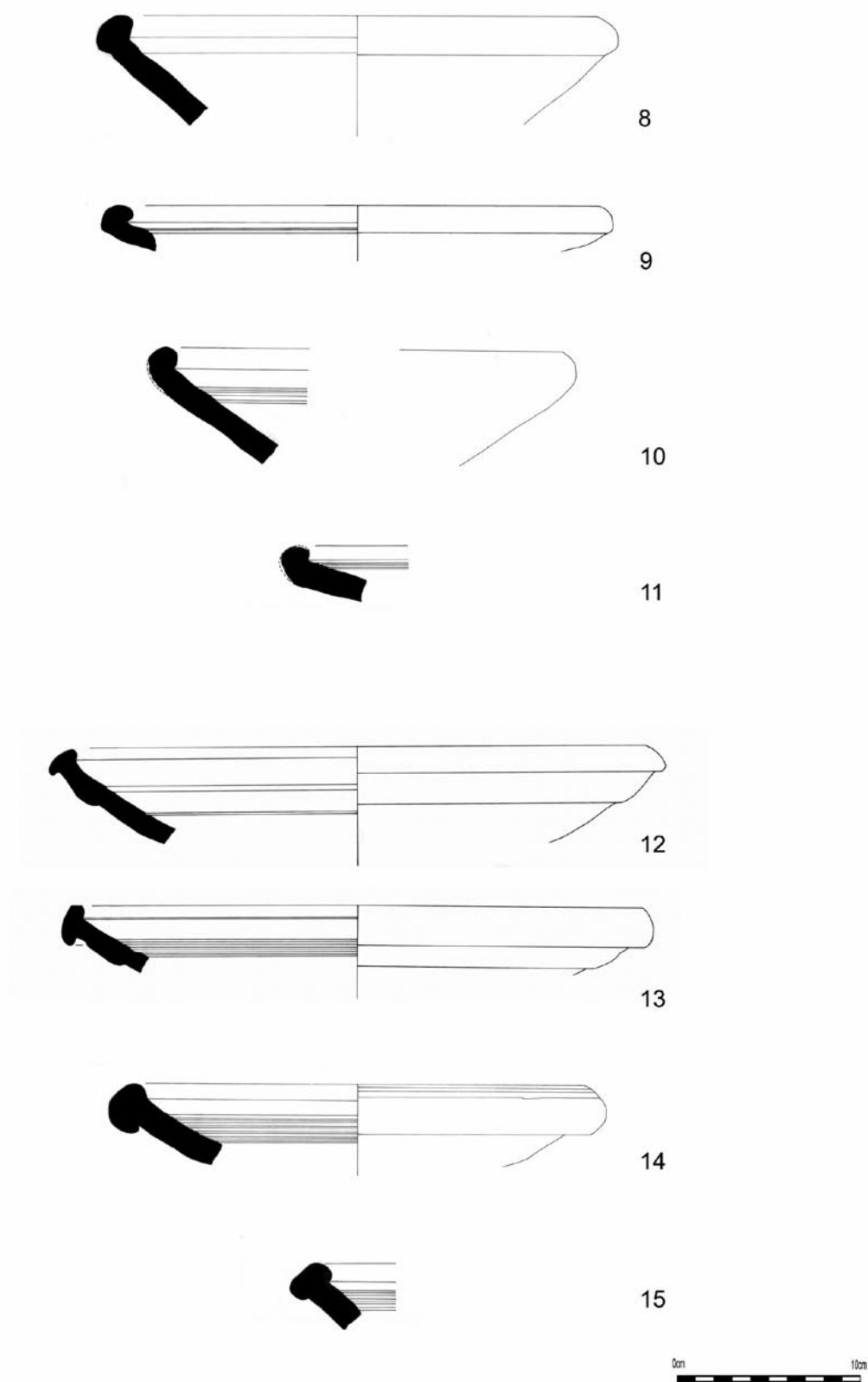
N.º de Inv. LOCAS	Santarém 3 (fig. 5)	Braga II A (p. 180)	Abul (Fig. 12)	Conímbriga (p. 136)	Miróbriga (p. 164)	São Cucufate (p. 171)
184/96	N.º 1	N.º 10	N.º 116	N.º 4	S/paral.	–
208/96	S/paral.	S/paral.	S/paral.	S/paral.	N.º 15	84.1414-11
210/96	S/paral.	S/paral.	S/paral.	S/paral.	S/paral.	N.º 2
212/96	S/paral.	S/paral.	S/paral.	N.º 16	S/paral.	N.º 3
213/96	S/paral.	S/paral.	S/paral.	S/paral.	S/paral.	N.º 3
218/96	S/paral.	S/paral.	S/paral.	S/paral.	S/paral.	N.º 3

Todos os restantes almofarizes exumados no sopé da colina do castelo de Alcácer do Sal, excluindo o n.º 208/96, pertencem à fase produtiva em que desapareceu a moldura da face externa e encontram paralelos em Conímbriga e São Cucufate, onde estão referenciados para o período dos flávios.

O almofariz com o n.º 208/96, que apresenta um bordo a tender para o vertical e biselado, pertence ao tipo 3, fase 3, de Quaresma, com cronologias de meados do século II d.C. e que se podem prolongar durante o Baixo-Império. Os paralelos que apurámos, em Chãos Salgados e em São Cucufate, são os que se aproximam mais deste nosso exemplar, porém, são em pasta caulínica e de fabrico lusitano, o que não se coaduna com a sua origem gaditana.

Catálogo

N.º de Inv. LOCAS	Tipo	Pasta (cor)		Grupo de pastas	Dimensões (em mm)			Observações
		Externa	Cerne		Diâmetro	Altura	Esp.	
184/96	Bordo	2.5Y 8/3	7.5YR 6/4	I	280	49	11	–
208/96	Bordo	7.5YR 7/3	2.5YR 6/4	II	260	34	5	Fragmento
210/96	Bordo	5Y 8/2	5YR 7/3	I	288	60	13/14	3 fragmentos colados. Sem estrias
212/96	Bordo	5Y 8/2	5YR 7/3	I	282	25	10	Fragmento
213/96	Bordo	5Y 8/2	7.5YR 7/4	I	204	63	13	Fragmento, erodido
218/96	Bordo	2.5Y 8/1	–	I	Ind.	40	13/15	Fragmento



Est. 2 Almofarizes 8, 9, 10 e 11 de bordo com lábio reentrante; Almofarizes 12, 13, 14 e 15 de bordo em martelo.

3. Almofarizes de bordo em martelo

(Bibliografia utilizada: Arruda, 2004, Santarém; Morais, 2005, Braga; Quaresma, 2005, S. Pedro; Nolen, 1994, Balsa; Alarcão, 1976, Conímbriga; Tavares da Silva, 1984, Pessegueiro; Quaresma, 1995-1997 Povos; Vaz Pinto, 2003, São Cucufate)

Grupo constituído por quatro almofarizes com perfil do bordo, em amêndoa, inclinado para o exterior, com parede que, em dois dos casos, n.º 178/96 e n.º 182/96 apresenta moldura externa. Inserem-se na forma 4 de Santarém e no grupo II C de Braga.

Quadro 6. Paralelos para os almofarizes do tipo de bordo em martelo em arqueossítios de época romana								
N.º de Inv. LOCAS	Santarém 4 (fig. 6)	Braga IIC (p. 182)	S. Pedro (p. 435)	Balsa (Est 26)	Conímbriga (p. 136)	Pessegueiro	Povos (p. 39)	São Cucufate ^a (fig. 163/164)
178/96	N.º 1	N.º 20	Est. 13.	S/paral.	N.º 5	S/paral.	S/paral.	84.625-9
182/96	N.º 1/2	N.º 23	S/paral.	S/paral.	N.º 5	N.º 18	S/paral.	84.625-9
211/96	N.º 6	S/paral.	S/paral.	cr 14	S/paral.	S/paral.	S/paral.	83.232-9
217/96	N.º 6	S/paral.	S/paral.	cr 14	S/paral.	S/paral.	N.º 5	83.232-9

^a Almofarizes do grupo IV-A, de bordo amendoado ou arredondado

Como já afirmámos, todo o espólio estudado, ao não pertencer a contextos selados, não pode oferecer qualquer nova realidade sobre os espectros cronológicos referentes aos momentos, quer de importação, quer de utilização. Recorremos mais uma vez, para este grupo de almofarizes, às diacronias que nos têm servido de paralelos.

Na Alcáçova de Santarém, apenas três exemplares são datados com precisão: um pertence à UE 238, de finais do século I a.C. a meados do I d.C., enquanto os outros dois se encontram inseridos já em contextos dos finais daquele século inícios do seguinte.

Em *Bracara*, o facto de os trabalhos de escavação de onde estas peças provêm terem sido efectuados em estratos pré-flavianos indica que tais peças apresentam uma cronologia relativamente anterior, dentro do século I d.C.

Atendendo ao seu aspecto morfológico, há, no entanto, que atribuir estes almofarizes a dois períodos distintos.

O primeiro, que vai até meados do século I d.C., aplica-se para aqueles que possuem moldura na parede externa, fase 1 de Quaresma (2006, p. 156). Estão incluídos neste caso os exemplares apresentados para Abul, almofarizes n.ºs 114 e 115, que, embora sejam de bordo em martelo, não servem de paralelos para os de Alcácer do Sal.

O segundo é relativamente mais tardio, já de época flaviana, à qual devem pertencer os almofarizes de Balsa e Povos. Neste caso, verifica-se a ausência da moldura, passando a parede exterior a ser lisa, fase 2 de Quaresma.

Finalmente, para Conímbriga, Ilha do Pessegueiro e São Cucufate, encontramos este tipo de almofarizes, com diacronias que apontam para meados do século I d.C. até ao 2.º terço do século II – horizontes 1 e 2 de São Cucufate.

Para além destes arqueossítios, já tinha sido encontrado em Alcácer do Sal, nas escavações efectuadas no Depósito de Água (que fica situado a cerca de 200 m do Castelo) em 1979, um destes almofarizes que, contrariamente ao que afirma Quaresma (1995-1997, p. 41), não é de imitação mas sim de fabrico de “*pasta de feição exógena*” (Silva et al., 1980-1981, p. 203), que tudo indica ser de origem gaditana e que pertence à camada 5 da fase VI, considerada, cronologicamente, como “*Romana Imperial*” dos séculos I e II.

Catálogo								
N.º de Inv. LOCAS	Tipo	Pasta (cor)		Grupo de pastas	Dimensões (em mm)			Observações
		Externa	Cerne		Diâmetro	Altura	Esp.	
178/96	Bordo	5Y 8/2	–	I	338	53	11	Fragmento
182/96	Bordo	2.5YR 8/3	–	I	324	36	9	Fragmento
211/96	Bordo	5Y 8/2	7.5YR 8/4	I	274	45	14	Fragmento
217/96	Bordo	5Y 8/2	7.5YR 8/4	I	Ind.	35	14	Fragmento

4. Almofarizes de bordo redondo

(Bibliografia utilizada: Morais, 2005, Braga; Nolen, 1994, Balsa; Alarcão, 1976, Conímbriga; Quaresma, 2006, Miróbriga; Quaresma, 1995-1997, Povos; Silva et al., 1984, Pessegueiro; Vaz Pinto, 2006, São Cucufate)

Por fim considerámos 3 almofarizes com características que se enquadram nos grupos II B e III de Morais e no tipo 3 de Quaresma. O primeiro, n.º 180/96, apresenta um bordo que, embora seja arredondado, está separado da parede por um ressalto ao qual se segue uma moldura, o que o torna morfologicamente diferente dos outros dois.

Estes são, de facto, bastante homogéneos, apresentando um bordo cujo lábio tem um perfil arredondado e as paredes estão desprovidas de moldura.

Todos os paralelos que Quaresma apresenta para Chãos Salgados e Povos pertencem à sua fase 2, para a qual o investigador atribuiu, genericamente, cronologias pré-flavianas, assim como uma vivência até meados do século II d.C., caso do paralelo que escolhemos com o n.º 26 (Miróbriga), embora não tenha excluído a hipótese da existência de exemplares com tipologia idêntica em pleno Baixo-Império.

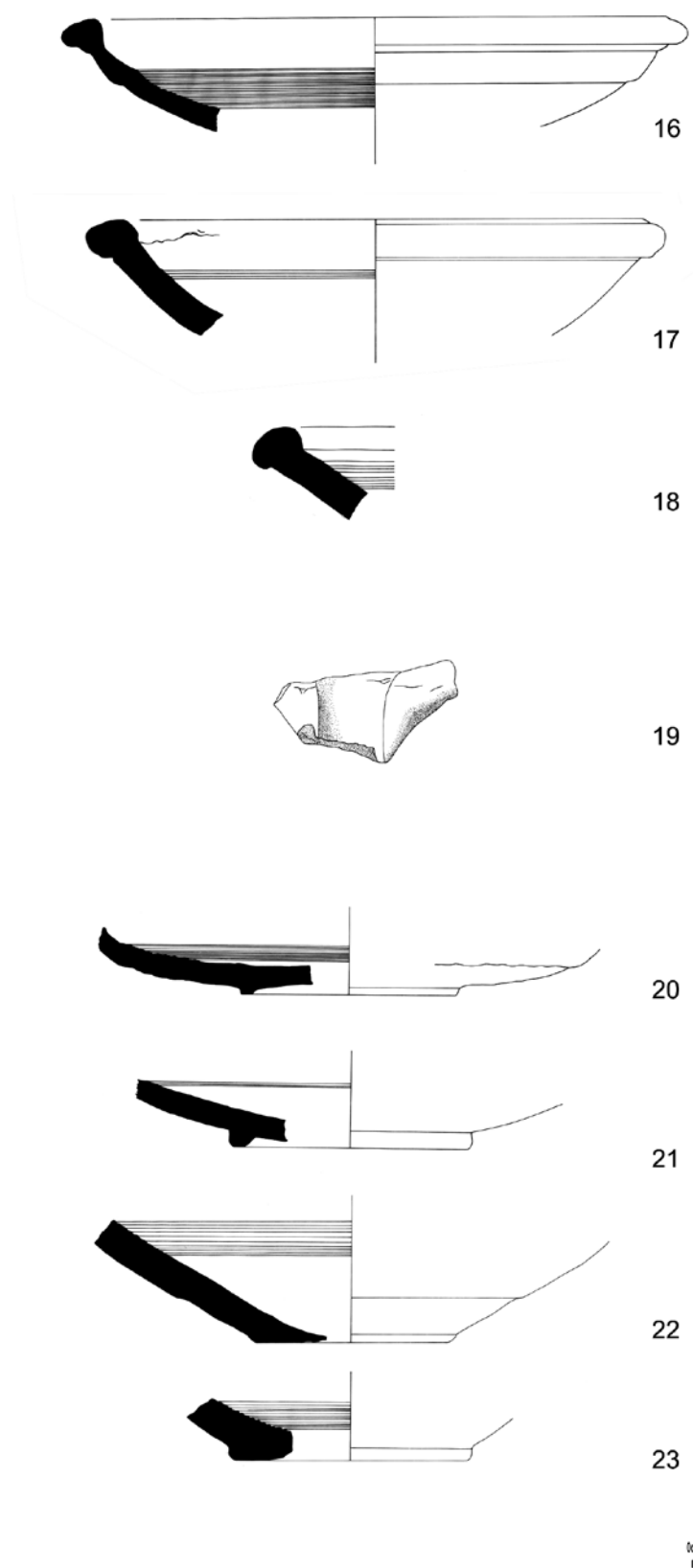
Quadro 7 - Paralelos para os almofarizes de bordo arredondado de Alcácer do Sal							
N.º de Inv. LOCAS	Braga IIB e III (p. 181/183)	Balsa (Est 26)	Conímbriga (p. 136)	Miróbriga (p. 165)	Povos (p. 39)	Pessegueiro (Fig. 22)	São Cucufate ^a (fig. 1)
180/96	N.º 18	S/paral.	N.º 9	S/paral.	S/paral.	S/paral.	S/paral.
185/96	N.º 27	S/paral.	N.º 17	N.º 26	N.º 1	S/paral.	N.º 4
216/96	N.º 27	cr- 14(?)	N.º 17	N.º 26	N.ºs 2 e 5	N.º 26	N.º 5

^a Almofarizes do grupo IV-A-2, de bordo arredondado voltado para o interior

Inês Vaz Pinto determina para as peças de São Cucufate uma cronologia idêntica, ao colocá-las nos horizontes 1 e 2 (2003, fig. 82.4485-9 e 82.6287-9, 2006). Nolen atribui também ao seu exemplar de Balsa o mesmo período.

Os exemplares de *Conímbriga* são considerados pertencentes ao principado de Trajano, enquanto que o da Ilha do Pessegueiro, encontrado no compartimento J 1, deverá pertencer a uma ocupação do século II.

Por fim, o exemplar bracarense, pelas razões já apresentadas, não poderá deixar de ter tido uma cronologia pré-flaviana.



Est. 3 Almofarizes 16, 17 e 18 de bordo redondo. Formas indeterminadas: 19 bico vertedor; 20, 21, 22 e 23 bases.

Catálogo								
N.º de Inv. LOCAS	Tipo	Pasta (cor)		Grupo de pastas	Dimensões (em mm)			Observações
		Externa	Cerne		Diâmetro	Altura	Esp.	
180/96	Bordo	2.5Y 8/3	5YR 6/6	I	320	57	10	Fragmento
185/96	Bordo	5Y 8/2	2.5Y 8/3	I	296	60	15	Fragmento, erodido
216/96	Bordo	5Y 8/2	5YR 7/4	I	Ind.	47	16/17	Fragmento

5. Bases de almofarizes

(Bibliografia utilizada: Arruda, 2004, Santarém; Morais, 2005, Braga; Mayet, 2002, Abul; Alarcão, 1976, Conímbriga; Vaz Pinto, 2006 e 2003, São Cucufate)

Consta da colecção um conjunto de quatro bases que, devido ao seu estado fragmentado, não tivemos oportunidade de lhes atribuir qualquer classificação, na medida em que se podiam reparar por vários tipos.

Quadro 8. Paralelos das bases dos almofarizes exumados em Alcácer do Sal					
N.º de Inv. LOCAS	Santarém (fig. 8)	Braga (p. 180 e 184)	Conímbriga (p. 136)	Abul (fig. 12)	São Cucufate (fig. 171)
177/96	N.º 3	N.º 8 e 32	N.º 6 e 18	N.º 113 e 114	S/paral.
188/96	S/paral.	N.º 32	S/para.	N.º 113 e 114	N.º 8.
214/96	S/paral.	S/paral.	N.º 19	S/paral.	N.º 7
215/96	S/paral.	S/paral.	N.º 19	S/paral.	N.º 7

Não obstante este facto, apresentamos um conjunto de paralelos dentro dos almofarizes com produção filiada nas olarias do sul da Bética em arqueossítios como Abul, Conímbriga, Braga, Santarém e São Cucufate.

Foi também identificado por um dos signatários, (PS), em Lisboa, nas escavações da fossa 8936 da Praça da Figueira, uma base de almofariz gaditano que serve de paralelo para o n.º 177/96.

Morfologicamente as bases dos almofarizes de Alcácer do Sal são de dois tipos: as que possuem pé (n.º 177/96, n.º 188/96 e n.º 215/96), normalmente, em bolacha; e as que são desprovidas dele (n.º 214/96).

Destaca-se o caso do almofariz n.º 188/96, cujo pé possui um perfil sub-retangular.

Catálogo								
N.º de Inv. LOCAS	Tipo	Pasta (cor)		Grupo de pastas	Dimensões (em mm)			Observações
		Externa	Cerne		Diâmetro	Altura	Esp.	
177/96	Base	5Y 8/2	—	I	120	34	12	Fragmento com parede
188/96	Base	5Y 8/2	7.5YR 8/3	I	110	37	11	Fragmento com parede
214/96	Base	5Y 8/2	7.5YR 7/4	I	102	63	15/17	Fragmento com parede; base plana; sem estrias
215/96	Base	5Y 8/2	5YR 8/3	I	124	32	16/18	Fragmento com parede; pé em bolacha

6. Formas indeterminadas

(Bibliografia utilizada: Nolen, 1994, Balsa)

Este grupo é constituído por um bico vertedor, que pensamos ser possível ter como paralelo o que J. Nolen indica para Balsa com o n.º cr-14, com cronologia do século I d.C. a meados do II, e por quatro paredes, que poderão pertencer a qualquer tipo de almofariz de produção do sul da Bética.

Catálogo						
N.º de Inv. LOCAS	Tipo	Pasta (cor)		Grupo	Espessura média (em mm)	Observações
		Externa	Cerne			
209/96	Bico	5Y 8/2	2.5Y 8/3	I	–	–
219/96	Parede	2.5Y 8/3	5YR 7/4	I	15	4 fragmentos colados; estrias no interior
220/96	Parede	5Y 8/2	5YR 7/4	I	11	Estrias no interior
221/96	Parede	5Y 8/2	5YR 7/4	I	16	Estrias no interior
222/96	Parede	2.5Y 8/6	10YR 7/8	I	12/15	2 fragmentos colados; estrias no interior

Pesos de tear

O estudo morfológico dos pesos de tear também nos levou a efectuar um percurso pelas tipologias que conhecemos, na medida em que se detectaram, na colecção, formas e tamanhos variados, certamente em relação directa com o tipo de fibras e fios utilizados na execução dos produtos finais que se pretendiam obter.

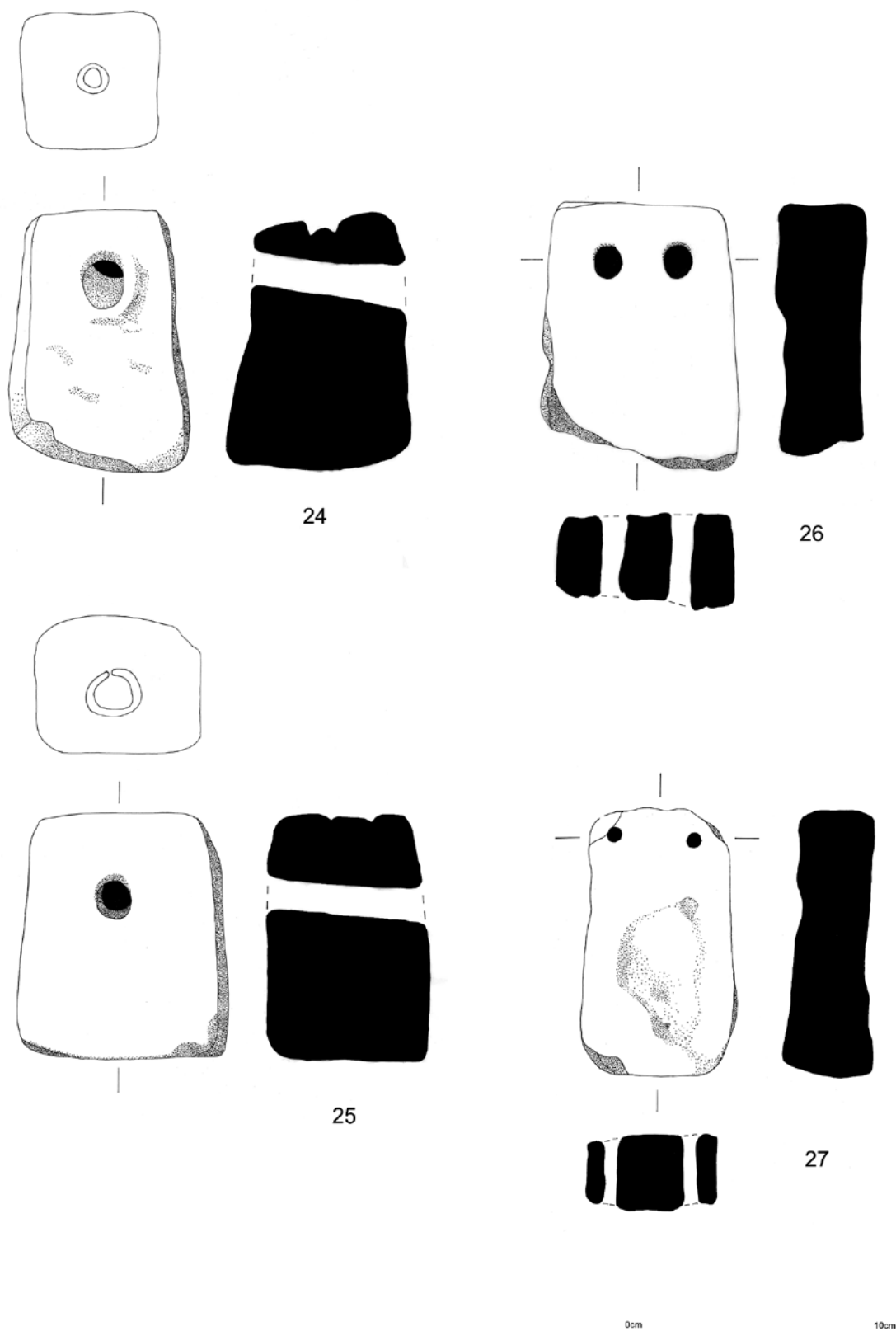
Pelo seu aspecto formal, e de acordo com a tipologia apresentada nos finais da década de sessenta do século passado pelo investigador espanhol Fatás Cabeza, os pesos de tear podem ser classificados em seis grupos principais, baseados, fundamentalmente, na figura de sólido que representam: tronco de pirâmide (trapezoidais), paralelepípedicos (rectangulares), troncocónicos, em meia-lua, circulares e ovóides.

Por sua vez, as escavações efectuadas em Conímbriga e publicadas durante os anos setenta do mesmo século permitiram aos investigadores portugueses e franceses apresentarem uma nova classificação formal, a qual se baseou, também, em seis grupos. Aqui são consideradas duas formas de sólidos, o paralelepípedo e o tronco de pirâmide, distinguindo-se nelas secções de tipo rectangular ou de tipo quadrangular. A classificação tipológica termina com a tipificação através das faces, que podem ser rectangulares ou trapezoidais e que apresentam os lados, respectivamente, trapezoidais e rectangulares (1979, p. 55-56).

Para além da questão da forma que os pesos apresentam, os investigadores de Conímbriga definiram, ainda, uma classificação em que se leva em linha de conta o número de orifícios — um ou dois — e uma outra, em que é privilegiada a altura, o que implica uma divisão em três grupos (A, B e C).

O grupo A é constituído pelos pesos considerados como grandes e com mais de 130 mm; ao grupo B pertencem os pesos cuja altura varia entre 85 e 130 mm (médios); por fim, são classificados como pequenos e inseridos no grupo C todos aqueles com menos de 85 mm.

Tal como o material anfórico, estes podem apresentar marcas/grafitos que, normalmente, são colocados na face superior e que poderão indicar um controle de produção, uma “especialização” no seu fabrico, ou mesmo o nome do dono da olaria ou do oleiro implicado na execução do peso.



Est. 4 Pesos de tear; 24, 25 com marca circular no topo.

Um dos casos — entre os muitos apresentados por Fatás Cabeza — é o de um grafito/marca em forma de circunferência incisa, a qual fomos encontrar em dois dos exemplares de Alcácer do Sal. Esta marca aparece nos pesos de tear n.º 206/96 e n.º 207/96, colocada na face superior (topo) e apresenta diâmetros que medem, respectivamente, 22 x 19 mm e 13 x 11 mm (as duas circunferências concêntricas possuem diâmetros de 2-3 mm). Têm como paralelos as marcas dos pesos de tear de Conímbriga, os quais pertencem aos pesos classificados dentro do Grupo B VI (1979, Pl. LXIII, n.º 6), não esquecendo também, os paralelos indicadas por aquele investigador espanhol.

Para além destes dois exemplares, não possuímos no espólio referente a esta primeira intervenção no lado ocidental do castelo, qualquer peso de tear com inscrição epigráfica, contrariamente ao que acontece para o sítio do provável foro de Salacia, escavado por João Carlos Faria (1998, p. 194), em que existe, num dos pesos exumados (n.º 34, Est. X), uma letra gravada no topo ante-cozedura, que parece ser um S para o qual se poderá adiantar a hipótese de um “«S» de Salacia? ainda que pouco perceptível”.

Como afirmámos anteriormente, a aplicação de letras ou de siglas nos pesos de tear parece ter sido prática consuetudinária, motivo que achamos ser interessante, além do caso estudado para o foro de Alcácer do Sal, apresentar mais dois exemplos.

O primeiro está relacionado com o peso de tear exumado na olaria romana de Abul, cuja parte superior é de forma rectangular, e que apresenta um conjunto de letras que devem significar o nome de alguém VARVI (Mayet e Silva, 2002, p. 117, fig. 85, n.º 347), possivelmente envolvido no processo produtivo. Este peso faz parte do espólio ao qual foi atribuído cronologias que abrangem o período que vai desde o principado de Cláudio até finais do século II d.C.

O segundo está relacionado com o sítio do Cerrado de João do Couto, Tomar (Fernandes, 1998, n.º 274), onde existe um peso de tear com um conjunto de letras impressas, efectuadas antes da cozedura, as quais se encontram aplicadas no topo superior do peso de tipo tronco de pirâmide em que se distingue perfeitamente BOL(...).

Da análise do inventário, que apresentamos infra, verificámos que o total dos pesos de tear se divide quase de uma forma homogénea entre os inteiros (8 exemplares, que correspondem a 57,14%)¹⁹ e os exemplares fragmentados (os restantes 6, com 42,86%). É, pois, decorrente, a partir desta verificação, existir uma impossibilidade de classificação de todo este espólio quanto ao seu tamanho.

Contudo, se analisarmos o nosso Quadro 9 e tendo em conta os pesos de tear que se apresentam inteiros, podemos, desde que se faça uma selecção quanto às suas alturas, inseri-los no grupo dos pesos médios de Conímbriga (Grupo B), os quais possuem, neste sítio arqueológico, diacronias que abrangem desde os flávios até à época de Trajano ou seja de 70 a 117 d.C.

Parece-nos estranho a inexistência de pesos, quer de tamanho pequeno, quer de tamanho grande. Propomo-nos, desde já, tentar, com o estudo da segunda fase do material recolhido, verificar se se mantém esta regra, e que relação poderá ter tido, se acaso existiu alguma, com os sistemas de fição que se prendiam com esta actividade “industrial” localizada em *Salacia* durante a República e o Alto Império.

Quanto à forma, os pesos de Alcácer do Sal apresentam, na sua esmagadora maioria, mais de 71%, pesos do tipo paralelepípedo e os restantes 28% do tipo pirâmide truncada, razão que nos levou a optar por utilizar como paralelos os pesos de tear apresentados por Rui Morais, em relação à cidade de Braga, o que nos causou problemas de identificação, na medida em que tivemos de criar uma nomenclatura própria, para poder indicar cada exemplar, devido ao facto de o autor apenas os referenciar, através de uma fotografia, a qual pensamos ter sido efectuada tendo em vista um carácter selectivo, para poder apresentar, apenas, alguns dos pesos encontrados nos diferentes sítios arqueológicos (*insulae*?) intervencionados em *Bracara* (Morais, 2005, p. 94, Est. XXIII).

Ao não possuímos as cronologias dos pesos de tear de Braga, tivemos que nos cingir, neste campo, aos paralelismos que obtivemos em Conímbriga.

Por fim, é de referenciar que, de todos os pesos de tear estudados, apenas dois possuem dois orifícios de suspensão (n.ºs 198/96 e 199/96). O motivo que nos parece ser mais lógico para a existência desta escassez de exemplares com dois orifícios deve-se prender, talvez, com as funções que desempenhariam no tear, pois embora um deles esteja fracturado, são ambos do tipo paralelepípedo, o que poderá demonstrar alguma especificidade da sua utilização, ou então, como nos diz J. Nolen em relação ao estudo dos materiais da *villa* romana do Alto do Cidreira “*a preferência por pesos de um só orifício ou dois orifícios deve ser (...), uma preferência tradicional de vizinhança*” (Nolen, 1988, p. 132).

Quadro 9. Paralelos encontrados para os pesos de tear de Alcácer do Sal com os dos arqueossítios de ocupação romana de Conímbriga e Braga

<i>Alcácer do Sal</i>	<i>Conímbriga</i>	<i>Braga</i>
LOCAS 198/96	Grupo B I (Pl. LXIII, n.º 5)	–
LOCAS 199/96	Grupo B I (Pl. LXIII, n.º 5)	–
LOCAS 202/96	Grupo B I (Pl. LXIII, n.º 5)	Est. XXIII, Col. 1, linha 5, n.º 1
LOCAS 204/96	Grupo B I (Pl. LXIII, n.º 5)	Est. XXIII, Col. 4, linha 2, n.º 4
LOCAS 206/96	Grupo B I (Pl. LXIII, n.º 6)	Est. XXIII, Col. 1, linha 5, n.º 1
LOCAS 203/96	Grupo B III (Pl. LXIII, n.º 6)	Est. XXIII, Col. 1, linha 5, n.º 1
LOCAS 195/96	Grupo B VI (Pl. LXIV, n.º 7)	Est. XXIII, Col. 5, linha 5, n.º 5
LOCAS 200/96	Grupo B VI (Pl. LXIV, n.º 5)	Est. XXIII, Col. 1, linha 5, n.º 1
LOCAS 201/96	Grupo B.VI (Pl. LXIII, n.º 2)	Est. XXIII, Col. 3, linha 3, n.º 3
LOCAS 205/96	Grupo B VI (Pl. LXIII, n.º 6)	Est. XXIII, Col. 2, linha 6, n.º 2
LOCAS 207/96	Grupo B VI (Pl. LXIII, n.º 6)	Est. XXIII, Col. 2, linha 6, n.º 2
LOCAS 194/96	Grupo C I (Pl. LXIII, n.º 2)	Est. XXIII, Col. 5, linha 6, n.º 5
LOCAS 196/96	Grupo C I (Pl. LXIII, n.º 4)	Est. XXIII, Col. 3, linha 2, n.º 3
LOCAS 197/96	Grupo C I (Pl. LXIII, n.º 4)	Est. XXIII, Col. 3, linha 2, n.º 3

As anteriores escavações efectuadas em Alcácer do Sal, dos finais da década de 70 do século passado, foram alvo de um estudo criterioso com vários artigos publicados sobre temas como a cerâmica campaniense, os vidros e a *terra sigillata*. Todavia, no que diz respeito à cerâmica comum de época romana e, certamente, devido ao facto de estar “*Muito fragmentada e relativamente pouco abundante (53 exemplares com bordo)*” (Silva et al., 1980-1981, p. 201), não foi alvo, até ao momento, de um estudo pormenorizado razão que implica o nosso desconhecimento sobre a existência de exemplares de pesos de tear na zona do Depósito da Água.

Por sua vez, em 1982, aquando da intervenção arqueológica efectuada em frente à Igreja de Santa Maria (Castelo), João Carlos Faria exumou um conjunto de quatro pesos, dois dos quais com a forma de paralelepípedo e os outros de tipo tronco de pirâmide.

Já para a Herdade da Barrosinha (Diogo, Faria e Ferreira, 1987, p. 90, Est. VII, n.º 62), em zona perto do Rio Sado foi encontrado um peso de forma de paralelepípedo, com um único orifício. Neste peso parece poder-se identificar no seu topo um grafito que, possivelmente, se deverá interpretar como um C.

Do complexo industrial de Tróia de Setúbal, embora sem publicações de espólios referentes a estes artefactos, conhecemos vários pesos de tear, quer do tipo paralelepípedo, quer do tipo tronco de pirâmide.

Outros sítios arqueológicos contam nos seus espólios com pesos de tear, como sejam os casos da Alcáçova de Santarém (Diogo, 1984), da *villa* romana do Alto do Cidreira, Cascais (Nolen, 1988),

da cidade de *Balsa*, Tavira (Nolen, 1994), da *villa* da Quinta da Azeitada (Quinteira, 1998), do conjunto de sítios romanos que constituem o Bloco 11 do Regolfo do Alqueva (Faria et al., no prelo) e muitos mais que constituiriam, por certo, uma lista assaz longa. Uma última referência está relacionada com mais dois arqueossítios romanos onde foram encontrados pesos de tear e que tem a particularidade de serem centros produtores.

Trata-se da olaria romana do Morraçal da Ajuda, Peniche, onde tivemos a oportunidade de exumar pesos de tear de tipo tronco de pirâmide, os quais devem ter sido produzidos paralelamente com a produção de ânforas. A sua cronologia é-nos dada pelos diversos tipos destes contentores cerâmicos encontrados nas entulheiras da olaria, e que terão sido produzidos durante um período diacrónico que medeia desde os inícios do século I d.C. até, pelo menos, os meados da centúria seguinte (Cardoso e Rodrigues, s/data, p. 99, Est. 28, n.ºs 59 e 60).

O outro é o da olaria de Abul, situada na parte baixa do vale do Sado e que tem no seu espólio vários conjuntos de pesos de tear que atestam a sua manufactura durante um período de tempo contínuo, a par de outras produções de cerâmica comum.

Ao período atribuído a esta olaria, com cronologias augustanas e tiberianas, pertence um conjunto de três pesos de tear, dos quais apenas um está inteiro, apresentando uma forma de tronco de pirâmide, enquanto os outros dois, embora fracturados, nos parecem ser paralelepípedicos (Mayet e Silva, 2002, p. 33, fig. 21, n.ºs 250, 251, 252). Por sua vez, na segunda fase de produção de material anfórico, em que se assiste a uma produção esmagadora de ânforas do tipo Dressel 14, o que acontece já em época claudiana e ao longo de todo o século II, a produção de pesos de tear mantém-se, talvez de uma maneira mais intensa, visto ter-se obtido um conjunto de sete pesos que permitiu aos autores da monografia sobre este arqueossítio apresentar uma seriação baseada, principalmente, no tamanho (Mayet e Silva, 2002, p. 117, fig. 85, n.ºs 341-347). Com o final da produção de ânforas em Abul A, verifica-se a preocupação dos oleiros romanos na continuação da rentabilização dos fornos, o que motivou uma estratégia de produção que se vai focalizar nas cerâmicas ditas comuns com especial relevo para as cerâmicas de cozinha e de mesa (meados do século III), o que não impediu que “*un niveau contemporain a donné une douzaine de pesons très lourdes et bien conservés.*” (p. 186, Pl. XIV-B), sendo todos eles do tipo tronco de pirâmide com um único orifício.

Catálogo									
N.º de Inv. LOCAS	Tipo de Sólido	Pasta (cor)	Grupo de Pastas	Dimensões (mm e g)				Peso	Observações
				Altura	Top	Base	Orifício		
194/96	Paralelepípedo	5YR 5/1	C	75	61x51	–	11	340	Fragmentado, sobre cozido
195/96	Tronco de pirâmide	10YR 6/3	C	103	55x45	69x55	9	555	Inteiro
196/96	Paralelepípedo	10YR 6/6	C	64	47x35	–	10	135	Fragmentado
197/96	Paralelepípedo	5YR 8/2	A	65	59x35	–	14	165	Fragmentado
198/96	Paralelepípedo	5YR 6/4	C	104	61x36	–	6	300	Inteiro; com 2 orifícios
199/96	Paralelepípedo	5YR 6/6	C	105	77x35	–	12	330	Fragmentado; com 2 orifícios
200/96	Trapezoidal	2.5YR 6/6	B	105	59x45	67x39	13	385	Inteiro
201/96	Paralelepípedo	5YR 7/8	B	95	54x34	–	10	240	Fragmentado
202/96	Paralelepípedo	5YR 6/6	B	116	78x78	–	15	1030	Inteiro
203/96	Paralelepípedo	5YR 5/8	B	92	60x52	67x58	13	535	Inteiro
204/96	Paralelepípedo	5YR 5/8	B	103	51x61	–	11	405	Fragmentado
205/96	Tronco de pirâmide	5YR 6/8	B	88	58x47	73x65	10	580	Inteiro
206/96	Paralelepípedo	5YR 7/8	B	97	70x59	79x64	14	785	Inteiro, possui marca
207/96	Tronco de pirâmide	2.5YR 6/4	B	103	52x53	59x73	18	100	Inteiro, possui marca

Cossoiros

O estudo das fusaiolas encontra-se pouco difundido no que diz respeito ao mundo arqueológico romano, motivo que nos levou, mais uma vez a recorrer às tipologias para Conímbriga, à apresentada na tese de doutoramento de Armando C. F. da Silva, referente à cultura dos castros do noroeste localizados no actual território português, e a inserta num novo trabalho efectuado em 1999 por Maria de Fátima Silva e Paula Oliveira referente à colecção dos cossoiros depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento e exumados na Citânia de Briteiros, no Castro de Sabroso e, ainda, dos provenientes de várias estações arqueológicas situadas na zona geográfica a norte do Rio Douro.

Estas investigadoras criaram uma tipologia em que definiram dois grupos quanto ao processo de manufactura: fusaiolas produzidas de forma manual e em molde (Silva e Oliveira, 1999, p. 640).

Por seu turno os cossoiros de produção manual encontram-se divididos, conforme o sólido que representam, em: bulbosos, com as variantes esféricas e achatadas, e discóides; enquanto os moldados podem ser dos tipos: cónico, bicónico, os quais são simétricos, ou não; do subtipo chamado de transição para bulbosos; e do tipo troncocónico.

Embora reconhecido o grande mérito da tipologia concebida, esta é, no entanto, baseada em exemplares provenientes de castros que, cronologicamente, pertencem a ocupações sidéricas com posterior romanização.

Todavia, pensamos ser lícita a sua utilização como termo de paralelismo, na medida em que a romanização da Citânia de Briteiros e do Castro de Sabroso é um facto bem estudado, precisamente a partir do espólio arqueológico obtido.

A tese de Armando Coelho também privilegia o estudo destes artefactos, os quais são inseridos, cronologicamente, na Fase III, em que se reconhece já uma influência bem marcada, temporariamente, de processos progressivos e constantes de romanização.

É o que Armando C. F. da Silva conclui quando faz corresponder esta fase a uma “*Característica dos povoados proto-urbanos desenvolvidos por ocasião da primeira presença reconhecidamente romana na região com a campanha de Decimus Iunius Brutus*” e mais adianta ao reconhecer a existência, na cerâmica castreja de “*uma transformação a partir da época de Augusto com uma introdução progressiva ao longo da primeira metade do século I d.C. de formas de cerâmica comum*” (Coelho, 1986, p. 125).

Para os cossoiros, elabora uma tipologia de oito formas (p. 137 e Estampas LXXXI e LXXXII), de A a H, em que as formas A, B, C, D, G e H apresentam variantes, a qual foi adaptada do artigo publicado em 1965 sobre a fiação e a tecelagem na antiguidade de Mário Cardozo (Congresso Internacional de Etnografia, Santo Tirso, 1963).

Já para os cossoiros de Conímbriga, foi criada uma tipologia que se apoia, de novo na forma de sólido de revolução que apresentam.

Foram, assim, definidos nove tipos, que a seguir referiremos: bulbosos; discóides; em calote esférica; cilíndricos; cónicos; bicónicos; troncocónicos; bi-troncocónicos; e bi-troncocónicos separados por um disco.

No que diz respeito a Alcácer do Sal, os cossoiros que estudámos possuem uma forma que incluiremos dentro do grupo dos cossoiros cónicos e tipo bicónico simétrico com orifício vertical centralizado, o que é normal para fusaiolas encontrados em outras estações arqueológicas de época romana.

Encontrámos em Conímbriga um paralelo no n.º 173 (1979, p. 49, Pl. XI) para o n.º 190/96, o qual é proveniente da edificação do *forum* flaviano, enquanto que o 189/96 estará aparentado

com o 153 de Conímbriga (*idem*) que pertence a estratos correspondentes à construção das latrinas do *forum*.

Por sua vez, no Quadro A apresentado para Briteiros (Silva e Oliveira, 1999 p. 648), existe também um paralelo para o cossoiro n.º 189/96 — tipo cónico de fabrico a molde, com cronologias que as autoras pensam ser idênticas às de Armando Coelho para a Fase III de Sanfins.

O n.º 190/96 tem, por seu lado, paralelo no Quadro B da página 649, referente ao mesmo arqueossítio, pois trata-se de um exemplar do tipo bicónico de cones iguais.

Em Sanfins, e recorrendo às tabelas já referidas de Armando Coelho, encontramos paralelo no número 25 da forma D1 para o cossoiro n.º 190/96 enquanto o n.º 189/96 será formalmente parecido com os números 20 e 21 da forma C2.

Rui Morais apresenta-nos fusaiolas que são obtidas a partir de aproveitamentos de cerâmica comum, a par de outras fabricadas em olarias, ambas destinadas a serem aplicadas em fusos.

Atendendo ao facto de os cossoiros que fazem parte da nossa colecção serem do segundo tipo, considerámos como paralelos os indicados na estampa XXIV, com os n.ºs 1, 2 e 4, que pertencem ao espólio da cidade sede de *conventus*.

Na Alcáçova de Santarém, Dias Diogo também estuda dois cossoiros (Est. III, 67, 68), atribuindo apenas a um deles cronologia da Idade do Ferro, o n.º 67, que nos parece, no entanto, ser paralelo para o n.º 189/96 de Alcácer do Sal.

Mais paralelos podíamos enumerar em relação a outras estações romanas no actual território português, no entanto, optámos por não nos alongarmos em mais referências, pois pensamos que se tornaria demasiado fastidioso para o leitor a apresentação duma listagem exhaustiva.

Catálogo							
N.º de Inv. LOCAS	Tipo	Pasta (cor)	Dimensões (mm, g)				Observações
			Altura	Base	Orifício	Peso	
189/96	Cónico	10YR 5/3	15	32	7	15	Inteiro
190/96	Bicónico	10YR 5/3	15	30	6	15	Inteiro, vestígios de fogo

Pesos de rede

O peso de rede n.º 192/96 tem a forma de disco com orifício central, podendo-se observar a ranhura superficial por onde passava o fio da rede.

Nos espólios, de pelos menos, três centros oleiros de produção de ânforas, encontrámos pesos destinados à pesca à rede. É o caso, na faixa atlântica, da olaria do Morraçal da Ajuda, em Peniche, e os das olarias de ânforas romanas do Pinheiro e Abul, localizadas nas margens do Rio Sado.

Dos exemplares que constam como originários do Morraçal, achamos ser o que se encontra identificado com o número 57 na prancha 28 referente ao espólio deste centro oleiro o que se aproxima mais do de Alcácer do Sal, enquanto os n.ºs 61 a 64, fig. 41 do Pinheiro (Mayet, 1998) serão os mais semelhantes ao nosso exemplar.

Os pesos de rede que foram estudados por Françoise Mayet e Carlos Tavares da Silva para o complexo de fornos romanos de Abul, pertencem a dois momentos cronológicos diferentes, embora tipologicamente sejam idênticos. Assim, os exemplares apresentados com os n.ºs 253 a 255, discóides (Maquet e Silva, 2002, p. 33, fig. 21), paralelos para o de Alcácer de Sal, têm diacronias augusto-tiberianas, enquanto os n.ºs 339 e 340, também do mesmo tipo geométrico (p. 117, fig. 85), possuem cronologias que vão de Cláudio até aos finais do século II.

As diacronias apresentadas, quer para o Morraçal, quer para o Pinheiro ou mesmo para a produção da olaria de Abul, são coincidentes, abrangendo, de uma forma geral, os dois primeiros séculos da nossa Era.

Partindo do pressuposto que o nosso exemplar foi produzido nas olarias situadas ao longo do Sado, não será de todo despropositado atribuir-lhe uma cronologia que deve encaixar nos períodos que indicámos.

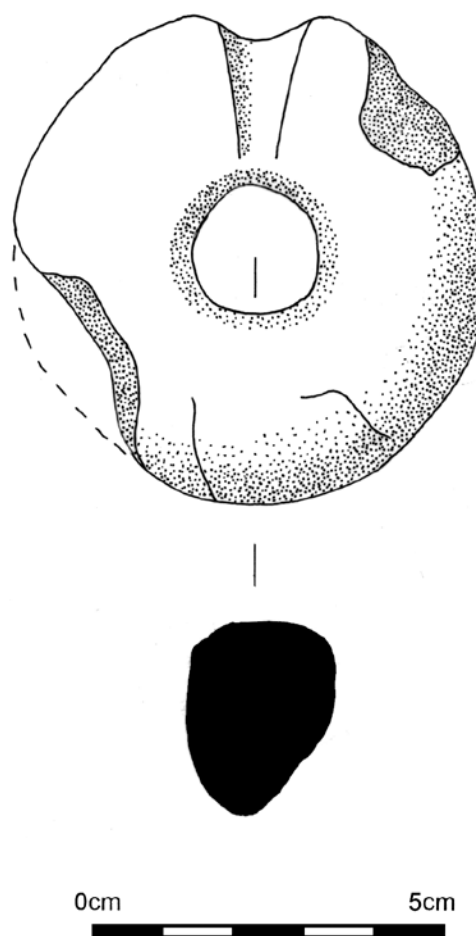
Para os pesos de rede do tipo discoidal encontramos outros paralelos com diacronias de época romana embora tenhamos consciência da utilização, ao longo dos séculos, de pesos de rede deste formato.

Um deles, refere-se a um peso encontrado em Tróia, na margem do Sado, e que Veiga Ferreira classificou como lusitano-romano, e que nos parece ser um possível paralelo para o exemplar que consta do espólio aqui estudado (1968, p. 131, n.º 12)²⁰.

Nesta estação arqueológica sabemos ser habitual encontrar-se, para além dos pesos de tipo disco, que são, normalmente, em percentagem bastante diminuta, outros pesos de rede de forma geométrica fusiforme e que possuem um orifício perto do topo, portanto, descentralizado, achados que nos levam a questionar da possibilidade destes pesos terem ou não origem em produções romanas.

Dias Diogo dá notícia da existência de mais um peso de rede, desta vez na Herdade da Barrosinha, Alcácer do Sal (1987, n.º 63, Est. VII), o que atesta, novamente, a importância da actividade da pesca em época romana no Rio Sado.

Fazem parte do espólio arqueológico da *villa* romana do Alto do Cidreira (Cascais), bem perto da costa atlântica, dois pesos, que pelas suas características, parecem ter sido feitos a partir do reaproveitamento de cerâmica comum, razão que leva J. Nolen (1988, p. 135-136, n.ºs 8, 9, Est. XV) a apresentá-los sob reserva.



Est. 5 Peso de rede.

Catálogo						
N.º de Inv. LOCAS	Tipo	Pasta (cor)	Diâmetros (mm e g)			Observações
			Máximo	Orifício	Peso	
192/96	Discoidal	5Y 6/8	69	18	100	Ligeiramente partido

Conclusões

A presença apenas de almofarizes provenientes do sul da província romana da *Baetica* leva-nos a tecer um conjunto de breves conclusões que se baseiam, quer na característica da cidade de Alcácer do Sal (de tipo marítimo), quer no sistema económico em que se encontrava inserida.

Vasco Mantas (1990, p. 152) considera *Salacia Urbs Imperatoria* uma cidade que, embora de cariz fluvial, se encontraria situada, em época romana, não longe do estuário do Sado, situação essa que lhe permitiria, desde a Proto-História, uma posição estratégica, no que diz respeito ao controlo das rotas do comércio. A paragem de barcos carregados com mercadorias destinadas a serem transaccionadas por produtos locais tornava-se, assim, usual, pois o seu porto apresentava, para além do mais, condições excelentes de fundeadouro marítimo.

Os produtos do interior, como o caso dos minérios de Grândola e da Serra da Caveira, tinham, desse modo, oportunidade de serem escoados por via marítima, dando a *Salacia* a oportunidade de jogar um papel de “pivot” económico para esta região administrativamente inserida na *Hispania Ulterior*, primeiro, e na Lusitânia, depois.

O abastecimento dos almofarizes béticos que estudámos foi efectuado dentro de um sistema de trocas em que “*the Empire’s many cities were undoubtedly linked by some long-distance trade*” (Jongman, 2002, p. 45).

Certamente que foi privilegiado, portanto, um comércio de tipo atlântico, que se baseava em rotas marítimas tradicionais, pois que, de um ponto de vista económico, a experiência romana no mar Mediterrânico tinha demonstrado ser este meio de transporte “*a relatively cheap conduit for bulk transport*” (Jongman, 2002, p. 45).

Esta rota atlântica torna-se de tal forma importante que, na opinião de Remesal Rodríguez, será um dos justificativos para que, em tempo de Cláudio, sejam concedidos direitos de município a *Baelo*, na Bética e *Olisipo*²¹, na Lusitânia, ambos portos fundamentais nas rotas comerciais para o norte da Península Ibérica, *Britannia* e norte da Europa (2002, p. 301-302).

Atendendo ao facto de termos apurado que o conjunto de almofarizes está cronologicamente compreendido entre o período tardo-republicano e os meados do século II d.C., diacronias dos paralelos apresentados, faz com que ele não se afaste, no aspecto temporal, do que temos vindo a verificar para todo o espólio que até agora estudámos e publicámos.

Quanto aos cossoiros e aos pesos de tear de Alcácer do Sal aqui tratados, sabemos serem estes, apenas, uma parte do que até agora foi encontrado.

Pensamos, aquando da elaboração da segunda fase sobre o estudo dos materiais arqueológicos do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, poder apresentar uma quantificação que prove, de maneira indubitável, ter sido a produção de lã e de tecidos uma grande indústria, com fins de consumo próprio e de exportação, tal como nos é referido nos textos que apresentámos de autores clássicos, para os quais esta é adjectivada como de grande qualidade.

A origem dos pesos de tear poderá ficar, também, de uma forma mais bem alicerçada, nessa segunda fase de estudos, a uma produção local de fabricos originados nos fornos do Sado.

Ao possuirmos um conjunto constituído por um maior número de indivíduos ser-nos-á possível efectuar uma análise, no que diz respeito às pastas, mais alargada, confirmando-se, assim, as hipóteses que levantámos ao longo deste artigo.

Agradecimentos

A Inês Vaz Pinto e a José Carlos Quaresma pela bibliografia que disponibilizaram para a prossecução deste artigo, ao Élvio Melim de Sousa pela suas atempadas críticas e ao Severino Rodrigues pelo seu experiente apoio nas técnicas de computadorização utilizadas.

NOTAS

- ¹ Arqueólogo, Associação Cultural de Cascais
- ² Arqueóloga
- ³ Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcácer do Sal
- ⁴ A “varinha mágica eléctrica” foi determinante para acabar com o uso dos almofarizes.
- ⁵ “et quam Salacia scutulato textu commendat in Lusitania”.
- ⁶ A *História Natural* é terminada em 77 d.C.
- ⁷ São também abundantes em vários povoados castrejos do nosso território.
- ⁸ Em época romana procedia-se, no que diz respeito à lâ, da forma seguinte: após esta ter sido extraída, era lavada, seca, batida, limpa e cardada, passando, então, e finalmente, ao processo de fiação (Ponte, 1978), onde o fuso e a roca se assumem como instrumentos fundamentais. As fibras eram colocadas em torno da roca, em novelo, sendo então puxadas e torcidas entre os dedos pela fiandeira, que as enrolava à ponta do fuso, no qual o cossoiro funcionaria como volante (Silva e Oliveira, 1999).
Com o tear vertical de pesos, que é o mais comum na época romana, os pesos de tear desempenhariam a sua função ao esticar os fios obtidos na fiação, ou seja “*Serviriam para manter em tensão os fios da urdidura do tear vertical*” (*idem*).
- ⁹ Atendendo ao facto dos almofarizes do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal terem uma origem bética, recorremos, também ao artigo que esta investigadora publicou em 2006 no qual apresentou uma revisão ao estudo de 2003.
- ¹⁰ *Infra*, Quadro 1 onde se indica as características desta pasta.
- ¹¹ Ver Quadro 1.
- ¹² Sublinhado nosso.
- ¹³ De forma aleatória, utilizaremos, ao longo do nosso texto, os substantivos cossoiros, fusaiolas ou o equivalente latino *verticilli*, quando nos referirmos a estes artefactos.
- ¹⁴ Apenas encontramos dois almofarizes (n.ºs 179/96 e 210/96) sem estrias que, no entanto, pensamos dever-se apenas ao facto de estes dois exemplares se encontrarem muito erodidos.
- ¹⁵ Grupos IV-A, IV-B, IV-C, IV-D e IV-E.
- ¹⁶ Aguarod Otal, 1991, apresenta a páginas 216, um exemplar da Tarraconense (fig. 28, n.º 3), que possui um pequeno ressalto na parede externa e que tudo leva a crer tratar-se duma tentativa de representação de moldura.
- ¹⁷ Trabalho que está a ser levado a cabo por Clementino Amaro e por um dos signatários (ES).
- ¹⁸ A inclusão desta forma de São Cucufate deve-se ao facto de ela ser bastante semelhante com a dos almofarizes estudados. No entanto, os exemplos apresentados são de possível produção local e com cronologias que abrangem todos os horizontes das *villae*, com exclusão do 5.
- ¹⁹ Foram considerados como inteiros todos os pesos de tear aos quais lhe faltavam pequenas porções, as quais não eram significativas.
- ²⁰ Este peso de rede é pertença do espólio do Museu Nacional de Arqueologia, do qual não possuímos número de inventário.
- ²¹ Segundo Pintado, 2005, a documentação epigráfica de homenagem à *domus Flavia* é por vezes feita em programas iconográficos em que “no nos consta su municipalidad flavia” exemplo que se verifica no caso do cipo de *Olisipo*, EO, 80.

BIBLIOGRAFIA

- A.A.V.V. (1979) - Trouvailles diverses. Conclusions generales. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. - *Fouilles de Conimbriga*. Paris: De Boccard. Vol VII.
- AGUAROD, C. (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- AGUAROD, C. (1995) - La cerámica común de producción local, regional y importada. Estado de la cuestión en el Valle del Ebro. In *Cerámica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empúries: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Empuritanes; 8), p. 129-153.
- ALARCÃO, J. (1973) - *Portugal romano*. Lisboa: Verbo.
- ALARCÃO, J. (1974) - *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*. Coimbra: Universidade.
- ALARCÃO, J. (1975) - La céramique commune, locale et régionale. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. - *Fouilles de Conimbriga*. Paris: De Boccard. Vol. V.
- ALARCÃO, J. (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Lisboa: Europa-América.
- ALVARADO GONZALO, M.; MOLANO BRÍAS, J. (1995) - Aportaciones al conocimiento de las cerámicas comunes alto-imperiales en *Augusta Emerita*: el vertedero de la Calle Constantino. In *Cerámica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empurries: Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 281-295.
- AMARO, C. [et al.] (1996) - Complexo fabril romano na Rua Augusta. Notícia preliminar. In FILIPE, G.; RAPOSO, J., eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e Sado. Actas das Primeiras jornadas sobre a romanização dos Estuários do Tejo e Sado*. Lisboa: Colibri, p. 199-14.
- ANDREU PINTADO, J. (2005) - *Edictum, municipium y lex*: La Provincia *Lusitania* en época flavia (69-96 d.C.). *Conimbriga*. Coimbra. 44, p. 69-145.
- APICIUS - De re coquinaria: *gastronomía en la antigua Roma imperial* (comentarios y traducción a cargo de Miguel Ibáñez Artica). Madrid: R&B Textos gastronómicos.
- ARRUDA, A.; VIEGAS, C. (2004) - Les mortiers de l'Alcáçova de Santarém (Portugal). In *Actes du Congrès de Vallauris*. Paris: SFECAG, p. 341-349.
- CALZONE, A. [et al.] (1997) - Anderitum (Javols, France): la céramique commune, I^{er} – VI^e s. ap. J.-C. In *Rei Cretariae Romanæ Fautorvm Acta* 35, 1996, Abingdon, p. 73-83.
- CARBONARA, A. [et al.] (2003) - La ceramica di età repubblicana dal territorio ostiense. In *Rei Cretariae Romanæ Fautorvm. Abingdon. Acta* 38, p. 51-62.

- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (s/data) - Olaria romana do Morraçal da Ajuda (Peniche-Portugal). In *Actas do Congresso - a presença romana na Região Oeste*. Bombarral, p. 83-102.
- CELA ESPÍN, X.; REVILLA CALVO, V. (2005) - Contextos cerâmicos de los siglos V a VII del *municipium* de Iluro (Mataró, Barcelona): evidencia material, hábitat y dinámica económica de una ciudad del litoral hispano. In GURT I ESPARRAGUERA, J. M. [et al], eds. - *LRCW 1, Late Roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean*. Oxford: Archaeopress, p. 203-222.
- DINIZ, M. (1993) - Fiação, tecelagem e pesos de tear. In MEDINA J., ed. - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, I, p. 241-243.
- DIOGO, A. (1984) - O material romano da 1.ª campanha de escavações na Alcáçova de Santarém (1979). *Conimbriga*. Coimbra. 23, p. 111-141.
- DIOGO, A.; FARIA, J.; FERREIRA, M. (1987) - Fornos de ânforas de Alcácer do Sal. *Conimbriga*. Coimbra. 26, p. 77-111.
- FARIA, J. C. (1998) - Algumas notas acerca do provável fórum de *Salacia Imperatoria* (Alcácer do Sal). *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 185-199.
- FARIA, J. C. (2002) - *Alcácer do Sal ao tempo dos romanos*. Lisboa: Colibri.
- FATÁS CABEZA, G. (1967) - La colección de pesas de telar del Museo Arqueológico de Zaragoza. *Caesaraugusta*. Zaragoza. 29-30, p. 203-208.
- FERNANDES, L. F. (1998) - Peso de tear epigrafado de Tomar (*conventus Scallabitanus*). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 59, n.º 274.
- FERREIRA, O. da V. (1968) - Algumas notas acerca da pesca na Antiguidade. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 2, p. 117-133.
- GÓMEZ PALLARÉS, J. (1995) - *Instrumenta coquorum*: els estris de la cuina (amb testimonis, des de plaute a Isidor de Sevilla). In *Ceràmica comuna romana d'època alto-imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*. Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 25-36.
- GUERRA, A. (1995) - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.
- HARTLEY, K. (1973) - La diffusion des mortiers, tuiles et autres produits en provenance des fabriques italiennes. *Cahiers d'Archéologie Subaquatique*. Paris. 2, p. 49-60.
- HARTLEY, K. (1997) - 'Raetian' mortaria in Britain. *Rei Cretariae Romanæ Favtorvm*. Abingdon. Acta 35, p. 239-245.
- JONGMAN, W. (2002) - The Roman economy: from cities to empire. In ERDKAMP, P., ed. - *The transformation of economic life under the Roman Empire*. Amsterdam: Gieben, p. 28-47.
- MANTAS, V. G. (1990) - As cidades da Lusitânia. In *Les villes de Lusitanie romaine*. Bordeaux: CNRS, p. 149-205.
- MARTÍN BUENO, M. (1968) - Acerca de las pesas de telar procedentes de Bilibis. *Cesaraugusta*. Zaragoza. 31-32, p. 257-259.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. da (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. da (2002) - *L'atelier d'amphores d' Abul (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. da (1996) - *Les amphores du Sado (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- MORAIS, R. (1999) - *As ânforas da zona das Carvalheiras*. Braga: Universidade do Minho.
- MORAIS, R. (2005) - *Autarcia e comércio em Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho.
- NOLEN, J. (1988) - A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais): os materiais. *Conimbriga*. Coimbra. 26, p. 61-140.
- NOLEN, J. (1994) - *Cerâmica e vidros de Torre de Ares, Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- PIMENTA, J.; SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E. M.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2006) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 4: ânforas de Importação e ânforas de produção lusitana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, p. 299-316.
- PINTO, I. V. (2003a) - *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- PINTO, I. V. (2003b) - Common ware from the Roman villae at São Cucufate (Beja, Portugal). *Rei Cretariae Romanæ Favtorvm*. Abingdon. Acta 38, p. 331-338.
- PINTO, I. V. (2006) - A Cerâmica comum bética das villae romanas de São Cucufate: uma revisão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, p. 167-184.
- PONTE, S. da (1978) - Instrumentos de fiação, tecelagem e costura de Conimbriga. *Conimbriga*. Coimbra. 17, p. 133-146.
- QUARESMA, J. C. (1995-1997) - Os almofarizes romanos de Povos (Vila Franca de Xira) no contexto do território actualmente português. *CIRA Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 7, p. 26-45.
- QUARESMA, J. C. (2006) - Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, p. 149-166.
- QUARESMA, J. C.; CALAIS, C. (2005) - S. Pedro (Coruche): novos dados para o processo de romanização do vale do Sorraia na época augustana e júlio-claudiana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 429-447.
- QUINTEIRA, A. (1998) - Estação arqueológica da Azeitada (Almeirim). *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 151-183.
- REMESAL RODRÍGUEZ, J. (2002) - Baetica and Germania. Notes on the concept of "provincial interdependence" in the Roman Empire. In ERDKAMP, P., ed. - *The Roman Army and the Economy*. Amsterdam: J. C. Gieben, p. 293-308.
- ROMERO, M.ª; CARRETERO, S. (1997) - Cerámica del campamento romano del Ala Flavia en Petavonium (Rosinos de Vidriales, Zamora, España). *Rei Cretariae Romanæ Favtorvm*. Abingdon. Acta 35, p. 55-61.

- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M.^a A. (1995) - Producciones importadas en la vajilla culinaria romana del Bajo Guadalquivir. In *Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 251-279.
- SANTOS, P. (2003) - “A Via Norte de Olisipo - a cronologia da fossa 8936 da Praça da Figueira (1999-2001) - um contributo?”. Tese de Licenciatura em História, variante Arqueologia apresentada na FCSH, da Universidade Nova de Lisboa.
- SCHULTEN, A.; PERICOT, L. (1952) - *Geografía de Iberia de Estrabón. Traducción y comentario*. Barcelona. Fontes Hispaniae Antiquae.
- SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J. C.; FARIA, M. (2000) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 119-152.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E. M.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2001) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 2: “Cerâmicas de Verniz negro” e cinzentas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 19, p. 199-234.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E. M.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2003) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 383-399.
- SERRANO RAMOS, E. (1995) - Producciones de cerâmicas comunes de la Bética. In *Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 227-249.
- SILVA, A. C. F. da (1986) - *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, M.; OLIVEIRA, P. (1999) - Estudo tipológico dos cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa). *Revista de Guimarães*. Guimarães. Volume Especial II, p. 633-659.
- SILVA, C. T. da [et al.] (1980-1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SILVA, C. T. [et al.] (1984) - Escavações arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícia da 2.^a campanha (1981). *Arquivo de Beja*. Beja. Vol. 1, II Série, p. 11-45.
- SILVA, I.; BRAZUNA, S. (2006) - Intervenção arqueológica no sítio romano dos Minutos 6. *Era Arqueologia*. Lisboa. 7, p. 56-71.
- VEGAS, M.; BRUCKNER (1975) - *Die augusteiche Gebrauchskeramik von Neuss. Gebrauchskeramik aus 2 wei augustischen Töpferöfen von Neuss*. Novaesium 6, Limesforschungen 14. Berlin.
- ZEHNACKER, H. (1999) - *Plin l'Ancien. Histoire naturelle. Textes choisis et présentés d'après la traduction de Littré*. Paris: Gallimard.